

**UNIVERSIDADE SANTO AMARO**  
**Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas**

**Igor Rodrigues Alves**

**NEOFASCISMO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: OS ATAQUES  
BOLSONARISTAS AO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL NAS  
PÁGINAS DO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO (2021-2022)**

**São Paulo**  
**2024**

**Igor Rodrigues Alves**

**NEOFASCISMO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: OS ATAQUES  
BOLSONARISTAS AO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL NAS  
PÁGINAS DO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO (2021-2022)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós  
Graduação *Stricto Sensu* da Universidade  
Santo Amaro – UNISA, como requisito para  
obtenção do título de Mestre em Ciências  
Humanas. Bolsista CAPES.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Isabel Pimentel  
de Castro Pinto

**São Paulo**

**2024**

A477n

Alves, Igor Rodrigues

Neofascismo no Brasil Contemporâneo: os ataques bolsonaristas ao Supremo Tribunal Federal por meio nas páginas do jornal O Estado de São Paulo (2021- 2022) / Igor Rodrigues Alves. - 2023.

82 p. : il., color.

Orientador: Prof. Dra. Maria Isabel Pimentel de Castro Pinto.

Dissertação. (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Santo Amaro, 2023.

Bibliografia incluída.

1. Neofascismo. 2. Democracia. 3. Governo bolsonaro. 4. Interdisciplinaridade. I. Pinto, Maria Isabel Pimentel de Castro. II. Universidade Santo Amaro. III. Título.

CDD 361

**Igor Rodrigues Alves**

**NEOFASCISMO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: OS ATAQUES  
BOLSONARISTAS AO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL NAS  
PÁGINAS DO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO (2021-2022)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas *Stricto Sensu* da Universidade Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientadora: Profa.Dra. Maria Isabel Pimentel de Castro Pinto

São Paulo, 30 de janeiro de 2024.

**Banca Examinadora**

---

Profa. Dra. Maria Isabel Pimentel de Castro Pinto (Orientadora)

---

Prof.Dr. Silvio Gabriel Serrano Nunez – Universidade Santo Amaro – UNISA

---

Prof. Dr. Luiz Antonio Dias – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC

---

Profa.Dra. Alzira Lobo de Arruda Campos – Universidade Santo Amaro – UNISA

---

Prof.Dr.Julio de Souza Comparini – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC

**Conceito Final:**\_\_\_\_\_

*Para todos os corajosos que lutam  
contra a besta fascista.*

## **Agradecimentos**

Assim como o movimento antifascista, a presente pesquisa é formada por uma grande comunidade. Cada indivíduo que atravessou meu caminho durante o percurso deixou sua marca no trabalho. Sendo assim, agradeço ao Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento, à equipe da revista Pluralistas e aos professores do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro, por construírem um espaço que permitiu trocas de experiências e aprendizado. Aos professores Luiz Antônio Dias e Rafael Lopes de Sousa, pelo auxílio na construção no início do caminho. A professora Isabel Pimentel de Castro Pinto, por ter sido uma excelente educadora ao manejar a orientação de um projeto que lhe foi entregue no meio do caos onde várias mudanças ocorreram ao mesmo tempo. A professora Nádia Alberton, por ser minha segunda mãe e sempre mostrar o lado belo de construir uma carreira na educação. Agradeço aos amigos de bar Rodrigo, Clayton e Kaio pela companhia em momentos de dificuldade. Um gigantesco abraço para Priscila, grande colega do mestrado que revelou vários caminhos que podem ser trilhados por um jovem acadêmico. Com muito carinho agradeço a minha companheira Raissa, pelo apoio e otimismo nos dias nebulosos. Agradeço aos meus familiares pela compreensão nos momentos em que faltei nas reuniões de família. Agradeço a minha mesa de RPG pela empatia quando cancelei sessões para trabalhar na pesquisa. Agradeço à UNISA e à CAPES, que me possibilitaram acesso ao Mestrado graças à concessão de bolsas.

*Para mostrar  
Armamentos antiquados  
Soldados mal treinados  
Tanques enferrujados  
Sete de setembro  
Data tão festiva  
Mais uma piada  
Dessa terra tão querida*

**Blind Pigs**

## RESUMO

O estudo analisa por meio das páginas do jornal O Estado de São Paulo entre outras fontes da mídia online, o governo do 38º presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, e como durante seus quatro anos de governo, Bolsonaro flertou com o movimento neofascista, violou a constituição atacando outros órgãos do estado como Supremo Tribunal Federal (STF) e fomentou uma tentativa de golpe. A questão norteadora implica considerar que os conflitos tornados públicos durante o governo, às quais, por sua vez, remetem ao fascismo e ao autoritarismo que atravessam a história mundial, sua emergência na contemporaneidade no Brasil. Sendo um trabalho interdisciplinar, pairando sobre o jornalismo e história, objetivamos revelar traços neofascistas e reacionários do presidente em exercício no período delimitado e de seus subordinados como base para evidenciar as violações ao regime democrático de direito. Para tal pesquisa, foi realizado um levantamento no acervo online do jornal O Estado de São Paulo, popularmente conhecido como Estadão, na sessão/bloco Política, da edição Brasil entre outras fontes da mídia online, cujo resultado constitui o material ou corpus documental da pesquisa. A metodologia remonta procedimentos da Análise de Conteúdo, pois estabelecidas as categorias de análise, foram observado eventos, narrativas, embates que moveram ataques ao STF, minorias, direitos das mulheres nos quais traços neofascistas e reacionários são revelados. O conceito neofascismo, base que sustenta a análise, remonta as características do movimento político de extrema direita que emerge no cenário mundial na história do tempo presente.

**Palavras-chave:** Neofascismo; Democracia; Governo Bolsonaro, Interdisciplinaridade.



## **ABSTRACT**

The study analyzes, through the pages of the newspaper O Estado de São Paulo and other online media sources, the government of Brazil's 38th president, Jair Messias Bolsonaro, and how during his four years in office, Bolsonaro flirted with the neo-fascist movement, violated the constitution by attacking other organs of the state such as the Federal Supreme Court (STF) and fomented a coup attempt. The guiding question involves considering that the conflicts made public during the government, which in turn refer to the fascism and authoritarianism that run through world history, have emerged in contemporary Brazil. As this is an interdisciplinary work, hovering over journalism and history, our aim is to reveal the neo-fascist and reactionary traits of the president in office during the period in question and of his subordinates as a basis for highlighting violations of the democratic rule of law. For this research, a survey was carried out in the online collection of the newspaper O Estado de São Paulo, popularly known as Estadão, in the Politics section/block of the Brazil edition, among other online media sources, the result of which constitutes the material or documentary corpus of the research. The methodology is based on Content Analysis procedures, because once the categories of analysis were established, events, narratives and clashes that led to attacks on the Supreme Court, minorities and women's rights were observed, revealing neo-fascist and reactionary traits. The concept of neo-fascism, which underpins the analysis, goes back to the characteristics of the extreme right-wing political movement that has emerged on the world stage in the history of the present time.

**Keywords:** Neofascism; Democracy; Bolsonaro Government, Interdisciplinarity.

### **Lista de Ilustrações**

Figura 1 – Partido Simbolo do Partito Nazionale Fascista (PNF).....	18
Figura 2 – Slogan Integralista.....	21
Figura 3 – Presidente da República em live com adesivo do lema integralista em seu computador.....	21
Figura 4 – Roberto Alvim durante discurso do Prêmio Nacional das Artes.....	26
Figura 5 – Bolsonaro mostrando o livro Aparelho Sexual e Cia na TV Globo.....	32
Figura 6 – Bolsonaro mostra sua medalha a apoiadores.....	36

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	<b>11</b>
<b>1 Símbolos e elementos discursivos neofascistas</b> .....	<b>16</b>
1.1 “A pátria acima de tudo: a construção do nacionalismo neofascista .....	23
1.2 Deus Acima de Todos: entre evangelho e política .....	29
1.3 Exaltação da família e sexualidade .....	32
<b>2 Eleições e 7 de setembro: o carisma neofascista</b> .....	<b>38</b>
2.1 A construção do político carismático .....	41
2.2 Eleições e base bolsonarista.....	46
2.3 7 de setembro: papel, fumaça e gritos .....	49
<b>3 300 do Brasil e os Ataques ao STF</b> .....	<b>52</b>
3.1 Acampamentos bolsonaristas .....	56
3.2 Os ataques de 8 de janeiro e tentativa de golpe .....	61
3.3 As consequências do ato golpista .....	63
<b>Considerações finais</b> .....	<b>67</b>
<b>Referências</b> .....	<b>72</b>

## INTRODUÇÃO

A população do mundo ocidental, nos primórdios do século XX, foi espectadora do surgimento de uma ideologia/movimento político denominado fascismo. Este movimento buscava estabelecer uma imagem de um estado robusto e inabalável, no qual o poder se concentrava em uma figura carismática e poderosa, alguém que detinha (ou simulava deter) todos os meios necessários para resolver os problemas políticos, econômicos e sociais de uma nação.

Para que as raízes do fascismo prosperem, é essencial uma terra marcada pela instabilidade financeira, política e social. Esse cenário se manifestou na Europa durante o período entre guerras, compreendido entre o término da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) e o início da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). Esse intervalo histórico ficou marcado pela crise liberal, em que as nações enfrentaram sérias dificuldades econômicas, exemplificadas pela Grande Depressão, que resultou em taxas elevadas de desemprego, falências empresariais e pobreza generalizada.

Com o terreno propício, em decorrência das crises, movimentos políticos tanto de orientação de esquerda quanto de direita começam a emergir e consolidar sua influência em todo o continente. A retórica da direita incorpora elementos do nazismo e do fascismo, ideologias inerentemente autoritárias e totalitárias. Na Alemanha, surge Adolf Hitler (1889 – 1945), na Itália, Benito Mussolini (1883 – 1945), e no Brasil, inspirado pelo fascismo de Mussolini, Plínio Salgado (1895 – 1975).

Após a Segunda Guerra Mundial, o pensamento neofascista foi relegado à marginalidade, permanecendo nas sombras por décadas, alimentado por grupos de skinheads de direita e seus simpatizantes. No contexto brasileiro, o neofascismo ressurgiu com vigor na sociedade durante as eleições presidenciais de 2018. De maneira análoga à manifestação do fascismo na Europa, o neofascismo no Brasil experimentou um crescimento e disseminação notáveis como uma ramificação do cenário caótico desencadeado pelo processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff.

O caos decorrente do impeachment abriu espaço para a ascensão do parlamentar Jair Messias Bolsonaro. Posicionando-se na extrema direita do espectro político, Bolsonaro adotou uma narrativa messiânica, atraindo autoritários,

conservadores, reacionários, religiosos radicais e simpatizantes do neofascismo ao apresentar-se como a suposta "solução" para os problemas do país.

Jair Messias Bolsonaro, um parlamentar com mais de duas décadas de experiência como deputado federal pelo Rio de Janeiro, emergiu vitorioso nas eleições de 2018, ascendendo à posição de 38º presidente do Brasil. Sua campanha eleitoral foi permeada por uma narrativa multifacetada, caracterizada por elementos anticomunistas, disseminação de notícias falsas sobre seus oponentes, posturas reacionárias, autoritárias, e um apelo à religiosidade (embora tenha angariado simpatizantes tanto no catolicismo quanto no meio evangélico) e ao nacionalismo.

Ao longo de seu mandato, Bolsonaro realizou ações controversas e comprometedoras, destacando-se a promoção da glorificação da ditadura e a adoção de medidas antidemocráticas. Além disso, desempenhou um papel central em decisões que suscitaram críticas durante a gestão da pandemia de Covid-19, gerando conflitos entre os poderes Executivo e Judiciário. No terceiro ano de seu governo, em 2021, Bolsonaro e seus seguidores intensificaram discursos antidemocráticos, violando a constituição, dirigindo ataques diretos e indiretos ao Supremo Tribunal Federal e instigando a intervenção militar por meio de manifestações, veículos de comunicação e plataformas online. Essas ações atingiram um ponto culminante em frequência e radicalismo à medida que se aproximava do feriado de 7 de setembro do mesmo ano.

Uma das indagações fundamentais desta pesquisa pressupõe que o conflito entre os poderes executivo e judiciário pode ser interpretado como reflexo do autoritarismo e do neofascismo presentes na mentalidade de Jair Messias Bolsonaro, influenciando, por conseguinte, a sociedade. Por meio de uma análise de conteúdo, fundamentada nos princípios filosóficos de Jason Stanley sobre fascismo e utilizando como corpus documental o jornal O Estado de São Paulo, foi possível identificar e evidenciar traços autoritários e neofascistas do ex-presidente.

O periódico O Estado de São Paulo, conhecido como Estadão, teve sua origem sob o nome de A Província de São Paulo. Fundado por um grupo de republicanos liderados por Manoel Ferraz de Campos Salles (1841 – 1913) e Américo Brasiliense (1833 – 1896), o jornal foi concebido como um veículo de notícias destinado a combater a Monarquia e a escravidão. O jornal O Estado de São Paulo, ao longo de sua trajetória, tem adotado uma posição editorial historicamente alinhada ao pensamento liberal e de centro-direita. Reconhecido por

sua postura crítica em relação a intervenções estatais consideradas excessivas, o periódico destaca regularmente valores como livre mercado, liberdade individual e responsabilidade fiscal. Sua abordagem abarca temas relacionados à economia, política e questões sociais, permeada por uma perspectiva liberal-conservadora. A publicação busca oferecer uma visão equilibrada dos acontecimentos, embora tenha sido objeto de críticas por alguns devido à sua inclinação editorial. O papel relevante desempenhado pelo Estadão no cenário midiático brasileiro reside na representação e difusão de ideias associadas à orientação liberal e de centro-direita.

No contexto desta investigação, foi realizado um levantamento no setor político do jornal O Estado de São Paulo, focalizando particularmente na seção Brasil, onde eventos, narrativas e reportagens foram empregados como fontes. O propósito foi identificar e analisar os traços neofascistas e autoritários atribuídos ao presidente e seus apoiadores. Esses elementos emergem como fatores precipitantes de conflitos entre a presidência e o Supremo Tribunal Federal. Embora outras fontes midiáticas tenham sido consultadas, destaca-se que o material principal de análise consistiu no conteúdo veiculado pelo Estadão.

Como resultado da análise realizada, constatou-se que o período de maior conflito ocorreu no mês de setembro de 2021, coincidindo com o feriado da independência. Nesse contexto, observaram-se a disseminação de Fake News, a realização de desfiles de tanques e um discurso proferido pelo ministro Luiz Fux, membro do Supremo Tribunal Federal (STF), em defesa da democracia. As indagações que orientaram a pesquisa buscaram responder a aspectos cruciais: de que maneira o jornal abordou e veiculou as notícias relacionadas aos eventos que envolveram discursos e movimentos antidemocráticos? Como tais notícias inflamaram o imaginário bolsonarista, contribuindo para violações da Constituição de 1988? E qual foi a influência de Bolsonaro no crescimento de grupos neofascistas e autoritários no país?

Os resultados alcançados foram interpretados à luz dos pressupostos que definem e manifestam o fascismo e neofascismo na sociedade, segundo as contribuições do professor e filósofo Jason Stanley, bem como da professora e doutora Marcia Tiburi. A definição de Stanley, que fundamenta a análise da ideologia de extrema direita, baseia-se em sua obra 'Como funciona o fascismo: a política do "Nós" e "Eles"'. Essa obra possibilita a análise da manifestação do fascismo na sociedade, abrangendo áreas como religião, propaganda, educação, política, social

e sexualidade. Por sua vez, Marcia Tiburi explora a linguagem do pensamento fascista no cotidiano, como apresentado em seu livro 'Como conversar com um fascista: reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro'. Nessa obra, é possível refletir e analisar o microfascismo presente nas mentes de familiares, amigos e colegas de trabalho, revelando um fascismo que não está explícito na mídia, mas que é de certa forma, influenciado por ela.

No primeiro capítulo, serão abordados os conceitos e simbologias neofascistas, iniciando-se com a origem dos regimes fascistas na Europa no início do século XX. A análise explorará como essa ideologia se disseminou e influenciou figuras brasileiras, notadamente Plínio Salgado e o movimento integralista. A extrema direita, representada por essa ideologia, serviu de inspiração para adeptos, incluindo o político Jair Messias Bolsonaro, que, ao longo de sua carreira pública como deputado do Rio de Janeiro, esteve envolvido em polêmicas relacionadas a associações com movimentos nazistas e fascistas. Tais controvérsias incluem correspondências para fóruns nazistas na internet e a adoção do lema “Deus, Pátria e Família”, mesmo slogan utilizado pelos Camisas Verdes de Plínio Salgado. Além disso, o governo de Bolsonaro reproduziu elementos do imaginário neofascista, especialmente nas áreas de nacionalismo, religião e sexualidade.

No segundo capítulo, por meio da análise de matérias selecionadas do jornal O Estado de São Paulo e artigos da mídia são elaborados a construção da imagem política de Bolsonaro e sua base de apoio. Bolsonaro forja sua carreira política utilizando a polêmica como estratégia de entretenimento e marketing, ganhando visibilidade em programas populares na televisão aberta. Alinhado com a extrema direita, Bolsonaro utiliza as polêmicas em que é protagonista para promover sua imagem e conquistar apoio popular, consolidando sua base de poder conhecida como bolsonaristas. Esses seguidores, influenciados pelo discurso radical do presidente, foram responsáveis por ações anticonstitucionais ao tentarem realizar uma tentativa de golpe no feriado de 7 de setembro de 2021. Durante esse evento, ocorreram manifestações antidemocráticas, discurso radical do presidente contra o STF, a intervenção do Supremo em defesa própria, tentativas de disseminação de notícias falsas por meio de medidas provisórias (MP) e um desfile de tanques que tentava projetar uma força que não correspondia à realidade. O neofascismo do presidente se manifesta e se perpetua por meio de seus apoiadores, que adotam discursos antidemocráticos e desrespeitam a constituição.

O terceiro capítulo desta análise concentra-se na mobilização radical dos grupos bolsonaristas em todo o país e em seus frequentes ataques ao Supremo Tribunal Federal. Após a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, observou-se um notável aumento no fluxo de informações falsas nas redes de apoiadores de Bolsonaro, incitando sentimentos de revolta. Como resultado, tanto bolsonaristas quanto simpatizantes orquestraram uma tentativa de golpe de estado, o que evidencia a fragilidade da democracia brasileira. Diante do exposto, esta dissertação visa contribuir, sem esgotar a temática, para os debates interdisciplinares entre história e jornalismo, explorando os acontecimentos delimitados por este trabalho. A análise dos teóricos utilizados e das manchetes selecionadas revela o impacto do pensamento fascista e autoritário na vida privada e pública, reconfigurando toda uma nação.



## 1 Símbolos e elementos discursivos neofascistas

A identidade visual é uma composição de elementos gráficos elaborados para comunicar ao público a concepção, valores, propósito e missão de uma empresa, produto ou serviço. Entre os componentes da identidade visual estão o nome, slogan, cores, tipografia, embalagens e outros materiais publicitários. Ao extrapolar o conceito de identidade visual para além do âmbito corporativo, é necessário destacar que movimentos sociais e partidos políticos também possuem uma identidade própria.

O surgimento do movimento antifascista se deu como resposta ao nazifascismo durante a década de 1930 na Alemanha, sendo seu símbolo à época representado por duas bandeiras vermelhas tremulando para a direita. A concepção desse símbolo foi desenvolvida por Max Keilson (1900–1953) e Max Gebhard (1906–1990) da Associação de Artistas Visuais Revolucionários (Mendoza, 2020). Conforme o movimento ganhava popularidade, seu símbolo evoluiu para uma bandeira preta e uma bandeira vermelha tremulando para a esquerda. A alteração das cores em uma das bandeiras denota que os apoiadores não se restringem apenas a grupos comunistas, mas também incluem anarquistas e simpatizantes. Da mesma forma que o movimento antifascista possui sua identidade visual, com símbolo e significado específicos, o neofascismo também possui tal identidade. Vale ressaltar que o simbolismo do neofascismo pode variar de acordo com o país e o contexto histórico específico em que é empregado.

O fascismo tem sua origem na Itália no início do século XX, com Benito Mussolini (1883–1945), fundador do grupo conhecido como Os Camisas Negras ou Milícia Voluntária para a Segurança Nacional. Inicialmente, Os Camisas Negras constituíam um grupo paramilitar que, posteriormente, se transformou em uma organização militar; movimento de extrema direita, religioso, totalitário, autoritário e nacionalista. Embora tenham existido outros indivíduos classificados como fascistas, o fascismo como um movimento de massa foi o fascismo italiano (MANN, 2008).

A própria palavra é italiana, derivando de *fascio*, um feixe de varas, palavra usada na época para se referir a qualquer grupo político pequeno e coeso – no sentido de que as varas teriam mais força quando muito bem amarradas, exatamente como os grupos humanos quando unidos por um forte companheirismo. Note-se que a ideia remete a organização, e não a valores. Mussolini também daria ênfase à derivação da palavra latina

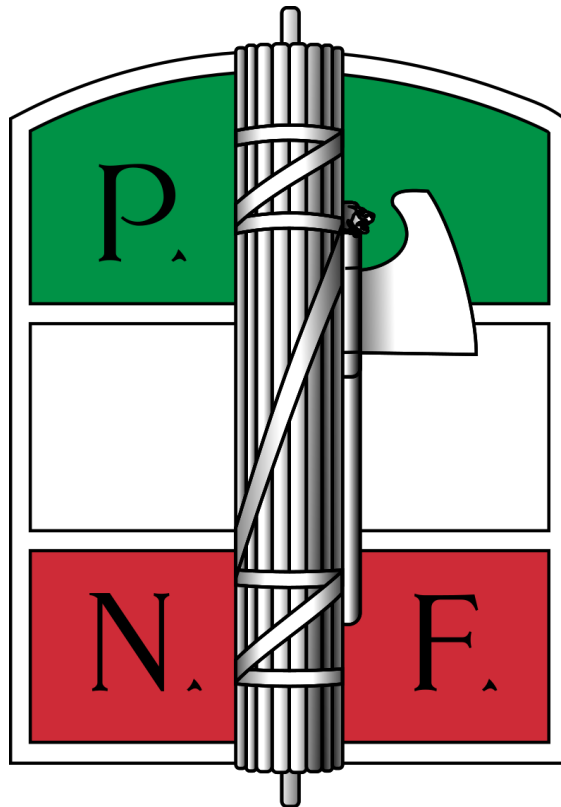
fasces, designando o símbolo de autoridade popular da antiga República romana, um machado cingido por varas, por ele usado como ícone do movimento. (MANN, 2008, p.132)

As bases para o surgimento do fascismo italiano residem nas crises econômicas, políticas e sociais que se desdobraram durante a Primeira Guerra Mundial. No meio da Primeira Guerra Mundial, a Itália era palco de manifestações de massa, protestos violentos e combates de rua entre movimentos contra e a favor da guerra (MANN, 2008). O cenário caótico mencionado debilitou o Estado e provocou a fragmentação dos principais partidos, incluindo os liberais e conservadores, levando ao rompimento de nacionalistas radicais, operários, intelectuais e sindicalistas com suas respectivas agremiações partidárias. Esses indivíduos, entre os quais se encontrava Mussolini, uniram-se para formar os fasci di combattimento (grupos de combatentes), posteriormente reconfigurados como Partito Nazionale Fascista (PNF), dando origem ao movimento.

Contava 20 mil membros no fim de 1920, quase 100 mil em abril de 1921 e 320 mil em novembro de 1921 – um crescimento muito rápido. Era menos um partido do que uma organização paramilitar, e em outubro de 1922 marchou sobre Roma. O governo poderia ter resistido a essa demonstração de força nem tão avassaladora por parte dos fascistas, dotados apenas de armas leves, mas capitulou, convidando Mussolini a formar um governo de coalizão. Três anos depois, ele se havia tornado um ditador. O fascismo conseguiu participar do poder em apenas três anos e dominá-lo sozinho em seis. (MANN, 2008, p. 134)

O emblema do PNF consistia na bandeira italiana posicionada verticalmente, acompanhada do fascio ao lado de um machado. Seus ideais de um Estado robusto, hierárquico e militarizado serviram de inspiração para Plínio Salgado (1895 – 1975) fundar o movimento integralista, também conhecido como Ação Integralista Brasileira (AIB).

**Figura 1 – Símbolo do Partido Nacional Fascista (PNF)**



Fonte: Wikimedia Commons, 2007.

O símbolo do Partido Nacional Fascista (PNF) desempenhou um papel distintivo na construção visual e ideológica do movimento fascista liderado por Benito Mussolini na Itália. A composição do emblema era marcada pela presença da bandeira italiana disposta verticalmente, com o fascio ao lado de um machado. O fascio, um feixe de varas amarradas, remetia à autoridade do Estado e à coesão da sociedade sob um governo forte e centralizado. O machado, por sua vez, simbolizava a prontidão para ação decisiva e a defesa dos interesses nacionais. Além de sua representação simbólica, o emblema do PNF desencadeava uma resposta emocional nos apoiadores do movimento, promovendo a identidade fascista e a lealdade ao Estado<sup>1</sup>. Esse símbolo se tornou um ícone visual associado à ideologia totalitária e autoritária do fascismo. A presença de tal simbologia não apenas demarcava a identidade do PNF, mas também servia como um instrumento

---

<sup>1</sup> O fascismo de Mussolini foi fortemente influenciado pelo passado mítico do Império Romano. Mussolini buscava reviver a grandeza e glória da Roma Antiga, promovendo ideais de poder, dominação e autoritarismo. Ele explorou símbolos e imagens romanas para consolidar seu regime, a associação ao império romano proporcionou uma narrativa de superioridade e legitimidade ao regime fascista italiano.

de propaganda eficaz, consolidando a mensagem do partido e criando uma narrativa visual poderosa que transcendia as fronteiras nacionais, influenciando outros movimentos e organizações fascistas em todo o mundo.

Plínio Salgado (1895 – 1975), filho de um coronel farmacêutico e de uma professora primária, iniciou sua trajetória profissional como jornalista no interior do estado de São Paulo, desbravando os caminhos da imprensa no jornal denominado Correio de São Bento. Seus estudos abrangiam tanto pensadores cristãos quanto filósofos materialistas. Após enfrentar a perda de sua primeira esposa, Maria Amélia Pereira, Salgado optou por mudar-se para a capital, onde obteve emprego no Correio Paulistano, veículo oficial do Partido Republicano Paulista (PRP).

Apesar de iniciar sua carreira literária no início da década de 1920, Plínio Salgado ingressa na vida política em 1928, tornando-se deputado pelo Partido Republicano Paulista (PRP). Suas intervenções parlamentares se destacam por discursos nacionalistas, anticomunistas e antiliberais, sinalizando os primeiros contornos do movimento integralista. Interrupções em seu mandato de deputado conduzem Plínio a uma viagem à Europa em 1930, na qual lidera uma comitiva com destino à Itália. Acompanhado por intelectuais conservadores brasileiros, Salgado participa de um encontro no Palácio Venezia com Benito Mussolini. A reunião entre os dois líderes perdura por 15 minutos e

Durante os 15 minutos de euforia da comitiva formada por outros intelectuais brasileiros, que conseguiram um espaço na agenda do líder italiano após intermediação de jornalistas no Ministério do Exterior, Plínio Salgado consolidou sua idealização para a formação do integralismo, o maior movimento de extrema direita da história do Brasil. Salgado e Mussolini estavam face a face em um encontro marcado por elogios mútuos. O italiano recebeu a comitiva brasileira, que deixava explícito o grandioso espetáculo estruturado na Itália. Foi um momento de cumplicidade e apoio do Duce, que aconselhou o brasileiro a criar um movimento preliminar de ideias, pautando a sociedade em uma nova consciência, para, posteriormente, formar um partido político. (GONÇALVES,NETO,2020, p.10)

Após seu retorno ao Brasil, influenciado pelo encontro com Mussolini e pelos ideais adquiridos, Plínio Salgado funda a Ação Integralista Brasileira (AIB), também conhecida popularmente como o Movimento dos Camisas Verdes.

Adotando os padrões do fascismo italiano, o Integralismo designa Plínio Salgado como líder do movimento, que demandava uma identidade visual. Enquanto Mussolini utilizava o fascio, Salgado adotava a letra grega sigma –  $\Sigma$  –, um símbolo

matemático que representa o conceito de um Estado unificado e integral, simbolizando a soma dos elementos infinitamente pequenos. Segundo Gonçalves e Neto (2020, p. 17) “Com um gorro verde de duas pontas, o integralista usava calças brancas ou pretas, e na zona rural a cor cáqui era permitida. As mulheres, chamadas de blusas-verdes, usavam a mesma camisa e saia preta ou branca [...]”. Enquanto na Alemanha nazista a saudação “Heil Hitler” era realizada com o braço direito estendido e a suástica representava o símbolo do movimento, os Camisas Verdes adotavam o grito “Anauê”, termo de origem tupi. “A saudação integralista que em tupi significa “Você é meu parente” era utilizada como caracterização do movimento, além de forma de respeito às categorias hierarquizadas dentro do integralismo.” (Gonçalves e Neto, 2020, p. 19). Plínio Salgado, ocupando a posição hierárquica mais elevada no movimento, recebia reverências através de três “Anauês”. Essas três saudações eram acompanhadas pelo braço direito estendido, elevado para frente até atingir a posição vertical, sendo considerada uma manifestação do ideal nacionalista. O movimento, por sua vez, expandiu-se e conquistou notável popularidade na região sul do país, como evidenciado pela adesão dos residentes de Blumenau, município de Santa Catarina, aos ideais integralistas.

A principal motivação que ocasionou a adesão de muitos integralistas, sem dúvida, foi o anticomunismo intensificado pelo pânico criado no Brasil. Muitos brasileiros passaram a militar na AIB durante a enorme onda contra o “perigo vermelho”. Após os acontecimentos de 1935, quando ocorreu uma tentativa revolucionária desencadeada pela Aliança Nacional Libertadora (ANL) e pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), de Luís Carlos Prestes e Olga Benário, o perigo comunista passou a fazer parte ainda mais do imaginário social dos brasileiros. Para as elites e os setores da classe média, o espectro do comunismo rondava o Brasil. (GONÇALVES, NETO, 2020, p.20)

O movimento alcançou notável expansão, a ponto de atrair a atenção do governo Vargas (ou ditadura Vargas), resultando no exílio de seus membros ou na sua deserção do Ação Integralista Brasileira (AIB) para apoiar o varguismo. Em decorrência dessa perseguição, o integralismo perdeu vigor e adeptos, transformando-se em uma ideologia clandestina. O pensamento fascista de Salgado permaneceu nas sombras por décadas, alimentado por pequenos grupos de extrema direita, ressurgindo abertamente na sociedade brasileira durante a corrida eleitoral de 2018 e nas transmissões ao vivo do presidente Jair Messias Bolsonaro,

por meio do slogan e adesivos “Deus, Pátria e Família”. Esta frase desvela fundamentos do pensamento fascista brasileiro, onde “Deus” reflete a influência religiosa dos integralistas, destacando a figura divina cristã como central na estrutura hierárquica social. O líder fascista, em geral, propaga uma religião oficial, muitas vezes uma versão nacionalista ou sincretista do cristianismo, alinhada aos valores e objetivos do Estado fascista. “Pátria” simboliza um sentimento patriótico, representando a aspiração dos integralistas em unir os brasileiros por meio do Estado único e integral, transcendendo desejos individualistas em prol do bem comum. “Família” é considerada fundamental para a reprodução da identidade nacional e a manutenção da ordem social, promovendo valores como obediência, disciplina, hierarquia e a noção de dever como pilares das tradições, costumes e hierarquia nos pequenos núcleos sociais.

**Figura 2 – Slogan Integralista**



Fonte: (integralismo.org.br, 2022)

**Figura 3 – Presidente da República em live com adesivo do lema integralista em seu computador**



Fonte: (Metropoles, 2021)

Para além das manifestações em suas plataformas de mídia social utilizando o lema integralista, evidenciou-se, por intermédio da pesquisa conduzida pela antropóloga doutora Adriana Dias (1970 – 2023), a presença de imagens e mensagens associadas a Jair Bolsonaro em sites neonazistas no início dos anos 2000.

Três sites diferentes de neonazistas trazem um banner com a foto de Bolsonaro – com link que leva diretamente ao site que o político tinha na época – e uma carta em que o parlamentar afirmava: “Ao término de mais um ano de trabalho, dirijo-me aos prezados internautas com o propósito de desejar-lhes felicidades por ocasião das datas festivas que se aproximam, votos ostensivos aos familiares”. (DEMORI,2021)

A pesquisadora Adriana Dias, conhecida como 'caçadora digital de nazistas', desempenhava a tarefa de identificar sites e fóruns na internet que veiculavam conteúdo neonazista. Após localizá-los, procedia à impressão do conteúdo, arquivamento e denúncia dos sites aos provedores de hospedagem, visando a remoção desses canais de comunicação disseminadores de ódio. Graças ao seu trabalho, é possível notar que a base bolsonarista é composta por neonazistas e neofascistas há quase duas décadas (Demori,2021). Um dos grandes sites de circulação era o Econac, uma plataforma onde havia links para sites neonazistas mundiais e um link de acesso para o site bolsonaro.com.br, onde estavam as intervenções dele na Câmara dos Deputados. (Moreira, 2021). Na plataforma foi encontrada uma carta de Bolsonaro para os usuários onde o mesmo informava que a razão de existência do mandato eram eles – no caso aquela comunidade –. O Econac foi retirado do ar em 2008.

Durante o ano de 2021, antes da aquisição da vacina contra a Covid 19, A terrível e insidiosa pandemia deixava um rastro de tristeza com mortos e órfãos por todos os territórios do Brasil. Graças a CPI da Covid, é revelado um esquema de corrupção na compra de vacinas e mesmo no meio deste caos, Bolsonaro encontra tempo para encontrar-se com uma parlamentar alemã que compartilha, abertamente laços e ideais remetentes ao nazifascismo (ALVES;SOUSA;DIAS, 2021).

Nas duas últimas semanas do mês de julho, Bolsonaro e sua equipe recebem uma visita que não estava registrado na agenda oficial da presidência. Beatrix von Storch, uma parlamentar alemã que defende valores conservadores, religiosos, contra o relacionamento homoafetivo, contra imigrantes e deputada do partido Alternativa para a Alemanha –AfD, partido de extrema que teve sua criação em 2013. O partido já foi acusado de compartilhar/difundir ideais enraizados no nazismo. Os membros do

partido defendem abertamente um pensamento/ideologia onde defendem valores conservadores, cristãos, modelo de família tradicional, são contra o aborto, contra a imigração e outras pautas que a extrema direita defende. Importante destacar que Beatrix é neta de Lutz Schwerin von Krosigk, homem que atuou como ministro das finanças de Hitler. (ALVES;SOUSA;DIAS,2021, p.67)

Observa-se que Bolsonaro não se vincula a uma única manifestação de neofascismo, mas sim a diversas formas e simbologias associadas. Em 2020, durante uma transmissão ao vivo, Bolsonaro e seus seguidores protagonizam o ato de consumir um copo de leite. O ex-presidente alega que realizou tal gesto em apoio aos ruralistas da Associação Brasileira dos Produtores de Leite, mas segundo Adriana (2020) “O leite é o tempo todo referência neonazi. Tomar branco, se tornar branco. Ele vai dizer que não é que é pelo desafio, mas é um jogo de cena, como eles sempre fazem”.

Certas facções da extrema direita, que defendem ideias supremacistas brancas, propõem a noção de uma alegada superioridade da raça branca e podem utilizar o ato de consumir um copo de leite como um símbolo de branquitude, associando-o a uma pretensa pureza racial. As teorias supremacistas do século XX defendiam que negros tinham intolerância a lactose e que o leite era um símbolo da pureza e dos valores elevados dos arianos (SANTOS, 2020).

### **1.1 “A pátria acima de tudo”: a construção do nacionalismo fascista**

Após o término da Segunda Guerra Mundial e dos regimes totalitários, emergiram grupos neofascistas e neonazistas, buscando reavivar os valores desses governos autoritários. Contudo, a hostilidade, outrora direcionada principalmente aos judeus, ampliou-se para abranger pessoas negras, pobres, membros da comunidade LGBT, indígenas, imigrantes, refugiados, mulheres, entre outras minorias, sob a justificativa de preservar a identidade, território e valores. O nacionalismo, nesse contexto, figura como um dos elementos destacados.

Nacionalismo, segundo o dicionário *Oxford Languages*, refere-se à preferência pelo que é intrínseco à nação à qual se pertence, envolvendo a exaltação de suas características e valores tradicionais. Essa ideologia subordina todas as questões de política interna e externa ao desenvolvimento e à busca pela hegemonia da nação. No âmbito político, observa-se a associação do nacionalismo



ao patriotismo, manifestado como o sentimento de amor à pátria e aos símbolos nacionais, independentemente da consideração individual para com os habitantes do país. Nesse contexto, a prosperidade da nação requer a presença de um Estado robusto e incontestável. De acordo com Mann (2008, p.19) “Mussolini concordava: “Tudo no Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado.” “O nosso será um Estado totalitário a serviço da integridade da pátria.””. Nessa situação o estado é o líder fascista, carregando a imagem de um estado forte, com um futuro promissor e preconceituoso.

Na perspectiva de Mussolini<sup>2</sup>, os comunistas representavam uma ameaça significativa para a Itália gloriosa, enquanto Hitler identificava os judeus e estrangeiros como responsáveis pela corrupção de seu país e cultura. O neofascismo busca apresentar uma imagem de Estado forte, embora, paradoxalmente, sugira que esse mesmo Estado pode ser facilmente subvertido por minorias ou ideologias adversas. A destruição atribuída a essas forças é percebida como uma ameaça aos valores familiares e costumes tradicionais, podendo ocorrer por meio de diversos veículos, como música, televisão, propaganda e educação.

As denúncias de Hitler às grandes cidades cosmopolitas e suas produções culturais são típicas da política fascista. “Hollywood”, ou seu representante local, muitas vezes supostamente controlada por judeus, vive destruindo os valores tradicionais e cultura ao produzir arte “pervertida”. (STANLEY, 2019, p.141)

O discurso neofascista de cunho nacionalista carrega consigo uma carga de nostalgia, fundamentado na concepção de um passado mítico marcado por tempos prósperos, nos quais os membros da sociedade não enfrentavam dificuldades na obtenção de empregos, as ruas eram seguras, e valores éticos e morais conservadores eram aplicados de maneira exemplar. Equiparada a um copo de vidro, essa utopia social foi quebrada por influências externas, resultando na deterioração desse modo de vida e no surgimento de problemas como a inflação.

---

<sup>2</sup> Mussolini também perseguiu judeus durante seu governo na Itália. Embora inicialmente ele tenha sido mais focado em promover políticas nacionalistas, expansionistas e perseguição de oposições políticas, o regime fascista italiano promulgou leis antisemitas a partir de 1938, após Mussolini se aliar a Hitler e o nazismo alemão. Essas leis discriminatórias restringiam os direitos civis, econômicos e sociais dos judeus italianos, limitando suas atividades profissionais, sua participação na sociedade e suas liberdades individuais. A perseguição aos judeus na Itália aumentou à medida que o regime fascista se radicalizava e se alinhava mais estreitamente com as políticas antisemitas do regime nazista.

Em geral, para que esse discurso seja internalizado pela população, os propagadores do neofascismo tendem a atribuir a tragédia a uma minoria específica ou a uma determinada ideologia.

Na retórica de nacionalistas extremos, esse passado glorioso foi perdido pela humilhação provocada pelo globalismo, pelo cosmopolitismo liberal e pelo respeito por “valores universais”, como a igualdade. Esses valores supostamente, enfraqueceram, a nação diante de desafios reais e ameaçadores para sua existência. (STANLEY,2019, p.20)

Durante sua campanha eleitoral em 2018, Jair Bolsonaro lançou diversos slogans que se disseminaram nas redes sociais, incluindo a frase emblemática 'Brasil acima de tudo, Deus acima de todos'. Este slogan, permeado por nacionalismo e religiosidade, reflete as convicções do candidato, cujas ações governamentais, contudo, têm revelado contradições em relação a esse discurso. No pleito de 2018, Bolsonaro concorreu pelo Partido Social Liberal (PSL), destacando-se por uma abordagem nostálgica que evocava um Brasil recente caracterizado por estabilidade, segurança e ausência de influências comunistas. Sua retórica enfatizava a soberania nacional, valor moral ancorados em uma específica classe e religião, além da imagem de um futuro líder alheio às práticas políticas tradicionais. Após vencer as eleições, durante o segundo ano de seu mandato, seu então chefe de cultura, Roberto Alvim, proferiu um discurso claramente inspirado nas palavras de Joseph Goebbels.

No vídeo em que anunciou o Prêmio Nacional das Artes, na noite de anteontem, Alvim copiou em boa parte trecho de um pronunciamento de Goebbels, tendo como fundo musical a ópera *Lohengrin*, de Richard Wagner, obra que Hitler adorava. “a arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional. Será dotada de grande capacidade de envolvimento nacional e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes de nosso povo, ou então não será nada”, disse o então secretário, que havia sido elogiado naquele dia por Bolsonaro. O discurso de Goebbels tem praticamente as mesmas frases. “A arte alemã da próxima década será heroica, será ferreamente romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande páthos e igualmente imperativa e vinculante, ou então não será nada”, afirmou Goebbels em 8 de maio de 1933 em um pronunciamento para diretores de teatro, segundo o livro *Joseph Goebbels: uma biografia*, de Peter Longerich. (O Estado de São Paulo, ano 141, n46113, 18 janeiro 2020. Política, p. 4)

O início do discurso de Roberto Alvim evoca um nacionalismo glorioso, associando a saúde da nação à cultura brasileira. Ao reiterar o slogan de Bolsonaro,

Alvim argumenta que os brasileiros precisam resgatar as raízes nobres dos mitos fundantes do país, centrados na família, Deus, pátria e coragem do povo. Seu objetivo é elevar a cultura nacional a um pedestal, destacando-a como um reflexo da harmonia entre o povo brasileiro, sua terra e natureza. No entanto, esse discurso resultou em sua demissão alguns dias depois, devido à pressão da mídia, órgãos públicos e privados, incluindo a Federação Israelita de São Paulo e membros do governo. A fala de Alvim evidencia a aliança entre a base bolsonarista e elementos do neonazismo e neofascismo, sendo notável durante o discurso pela semelhança até mesmo na disposição de objetos e elementos no ambiente, que lembrava a estética de Joseph Goebbels. Alvim estava sentado à sua mesa, com uma foto do ex-presidente na parede.

Do mesmo modo, manifestações tais como a de um secretário de Estado imitando ninguém menos do que Joseph Goebbels deixou claro que os ideólogos fascista não têm limites em seu projeto. A associação com ideias e imagens do chamado White Power, ou supremacismo branco estadunidense, que deriva da Ku Klux Klan e tem representantes em todo o mundo vem crescendo também no Brasil, apesar de os membros latino-americanos não serem reconhecidos por supremacistas caucasianos como “brancos”. (TIBURI, 2020, p. 37)

Posteriormente à sua demissão, o ex-secretário da cultura expressou, por meio de suas redes sociais, suas desculpas, esclarecendo que o ocorrido foi uma infeliz coincidência. Ele afirmou que não apoiava nem endossava o regime de Hitler, mas ressaltou que compartilhava a ideia de um nacionalismo robusto com figuras históricas associadas a tais regimes.

#### **Figura 4 – Roberto Alvim durante discurso do Prêmio Nacional das Artes**



Fonte: (Reprodução/O Estado de São Paulo, 2020)

Conforme abordado por Fernando Gabeira em um artigo no jornal O Estado de São Paulo, são descritas ações de grupos nacionalistas que propõem a entrega de um dos maiores patrimônios do Brasil, a Amazônia, para estrangeiros.

Avançando um pouco no discurso de Bolsonaro e de Musk, falou-se também do monitoramento ambiental da Amazônia, que seria fortalecido com a infraestrutura montada pelo bilionário. O problema é que já temos um monitoramento na Amazônia, realizado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e disponível para todos os que se interessem em combater queimadas e desmatamento.

Na realidade os dados de satélite cruzados com os dados do Cadastro Rural são capazes não só de dizer onde está a floresta queimando ou sendo desmatada, mas em terras de quem o processo destrutivo acontece.

Bolsonaro enfraqueceu o Inpe e forçou a demissão de seu dirigente com o argumento que dados do desmatamento sem controle do governo acabariam sendo um dano à imagem do País. Ele se distanciou tanto desse mecanismo de monitoramento, pago pelo povo brasileiro, a ponto de estimular a compra de satélite pelas Forças Armadas para realizar a mesma tarefa fiscalizatória. (O Estado de São Paulo, ano 143, n 46973, 27 maio 2022. Opinião, p. 10)

Em um exame minucioso ao longo de três parágrafos, evidencia-se o comprometimento e a relevância atribuídos ao patrimônio nacional, ao observar que uma instituição encarregada da supervisão das florestas foi intencionalmente prejudicada pelo próprio presidente, motivado por razões levianas e com o propósito de favorecer interesses estrangeiros. O referido ato pode ser interpretado como uma afronta e desonra a nação brasileira, evocando sensações de humilhação que remetem à época da colonização. A humilhação se tornou uma tecnologia política. É uma estratégia de sucesso na produção de diversos tipos de conquistas, mesmo as que se vendem como sedução, e podem até parecer agradáveis aos desavisados (TIBURI, 2021).

A colonização é um gigantesco projeto que se confunde com a política da humilhação. A colonização implantou em nós a humilhação por meio da própria humilhação, ou seja, ela nos lançou no círculo vicioso da humilhação, entre o sadismo e o masoquismo, no qual humilhar e se deixar humilhar se combinam organicamente. Em países reconhecidos como subdesenvolvidos, cidadãos são humilhados diariamente por oligarcas ricos que sequestram a política e a economia que deveriam servir a todos. (TIBURI, 2021, p. 37)

Há algum tempo, Bolsonaro tem sido associado a relatos relacionados à exploração de recursos naturais. Durante as férias de 1983, realizou uma viagem a uma área de garimpo no interior da Bahia, comportamento que recebeu críticas do

coronel Pellegrino, que o classificou como imaturo por se envolver no empreendimento de “garimpo de ouro”(Carvalho, 2021).

Tornou-se evidente que Bolsonaro não quer fiscalizar a Amazônia, mas sim criar um sistema sobre qual tenha controle, algo impossível quando cientistas sérios estão no comando.

Elon Musk não conhece esse debate. Mas, ao se dispor a complementar o monitoramento na Amazônia – algo de que se gabou nas suas postagens -, não percebe que está sendo usado para a montagem de um esquema alternativo que, ao invés de mostrar a destruição, pode mascará-la.

Seguindo um pouco nas contradições do encontro, Bolsonaro ofereceu a Musk a possibilidade de explorar nióbio na Amazônia e, certamente, também o lítio, que alimenta baterias de carros elétricos, produto da Tesla, empresa de Musk. Durante todos estes anos, a extrema-direita e militares que se dizem nacionalistas atacam os defensores da floresta, inclusive ONGs, com o argumento de que trabalham para o capital estrangeiro que ambiciona explorar os minérios na Amazônia. De nada adiantam as demonstrações sobre a viabilidade econômica da mata em pé e da importância das populações tradicionais na defesa desses recursos. Os nacionalistas tipo Bolsonaro sempre esgrimiram contra todos os que defendem a floresta, com esta acusação de que funcionam como uma espécie de cavalo de Troia das mineradoras internacionais. (O Estado de São Paulo, ano 143, n 46973, 27 maio 2022. Opinião, p. 10)

No mesmo texto, a proposta de exploração das terras em busca de minerais também é abordada, e a declaração de Gabeira destaca a contradição presente no discurso nacionalista. O amor pela pátria parece ter limitações, uma vez que, diante da oportunidade de oferecer recursos naturais ao capital estrangeiro, mesmo ciente de que não resultará em benefícios para a população, esse mesmo patriotismo é distorcido para facilitar a transação. Esse pensamento já havia sido observado durante a campanha eleitoral de 2018.

Com frequência Bolsonaro apoia as medidas de Donald Trump, comemorando inclusive na última terça-feira (19) a posição dos Estados Unidos de deixarem de ser “tendenciosos e parciais”. Política essa que hoje mantém crianças presas em jaulas e separadas de seus pais expondo claramente seu caráter xenofóbico e anti-imigratório. Bolsonaro que defende a abertura da exploração comercial da Amazônia para todo o mundo, e a entrega da Petrobrás ao capital estrangeiro, contradiz a posição em que seus próprios eleitores o colocam. O candidato “patriota” defende políticas que vão diretamente de encontro aos interesses imperialistas. Bolsonaro querer se encontrar com Trump é mais uma cartada para garantir a posição de semi-colônia a qual o Brasil é submetido. É buscar apoio nos setores mais reacionários da política mundial para garantir o saque realizado em nosso país em prol das potências imperialistas e firmar acordos para rifar nossas riquezas.(GARCIA, 2018)

O neofascismo pode ser interpretado como uma ferramenta de preservação do capitalismo, desempenhando um papel específico em um sistema econômico e

político orientado para o lucro. Nesse contexto, uma possível explicação para o comportamento antipatriótico de Bolsonaro pode ser identificada. Como um líder autoritário e materialista, observa-se que seus interesses econômicos pessoais não necessariamente se alinham com os interesses econômicos nacionais. A política econômica de 2021 foi contrária aos interesses da pátria, ao atacar direitos trabalhistas e sociais e permitir controle de capital estrangeiro, com privatizações grotescas, o Brasil assume uma máscara de neocolônia (Gass,2021).

## **1.2 Deus Acima de Todos: entre evangelho e política**

Se o fascismo fosse comparado a um banco com três pilares, um deles seria a religião. A religião é definida como a crença na existência de um poder ou princípio superior, sobrenatural, que determina o destino humano e ao qual se deve respeito e obediência. Além disso, engloba um conjunto de princípios, crenças e práticas associadas a doutrinas religiosas, muitas vezes fundamentadas em livros sagrados, que servem para unir seus seguidores em uma mesma comunidade moral. Percebe-se que a religião desempenha um papel nas características que moldam a sociedade, sendo tanto um produto quanto um modelador da mesma. As raízes do neofascismo, por sua vez, proliferam em períodos de crise, permeando diversos setores da sociedade e adotando uma imagem construída conforme o perfil predominante no imaginário coletivo.

Quando um país adota o paganismo nórdico como sua religião predominante, a representação neofascista desse país incorporará elementos e símbolos fundamentados nessa prática religiosa específica, como é o caso do paganismo. Já no contexto do mundo ocidental, a religião dominante é o cristianismo. A cultura ocidental não se pensa sem a história do cristianismo. Ele permeou-a em todos os campos, desde o estritamente religioso até o político, passando pelo artístico (Libanio, 2013). A religião exerce sua influência em diversas dimensões da vida individual, desde aspectos mais amplos, como feriados, história e política, até esferas mais íntimas, que se desdobram no âmbito doméstico, como papel da família, noções de certo e errado, e estilo de vida. Dada a abrangência da religião, que impacta a todos em várias camadas, o neofascismo a instrumentaliza para disseminar sua influência.

O livro *O Papa e Mussolini: a conexão secreta entre Pio XI e a ascensão do fascismo na Europa*, do historiador estadunidense David I. Kertzer, conta como o papa Pio XI colaborou com o tirano Mussolini para a ascensão do fascismo em troca de privilégios para a Igreja Católica. Após ser eleito pelo povo, com discurso religioso e ufanista, em seu discurso de posse como primeiro-ministro, em outubro de 1922, Mussolini invocou a ajuda de Deus, mesmo sendo ateu, fez discurso religioso afirmando que “Roma era o lar espiritual dos católicos de todo o mundo e que o fascismo ajudaria a promover os valores cristãos na sociedade italiana – um Estado católico para uma nação católica”. Tudo o que o papa Pio XI e os católicos tradicionais gostariam de ouvir. (MOREIRA,2022)

A ampla base de apoio composta por indivíduos de classe média e baixa, que sustentou Bolsonaro durante seu governo, foi predominantemente formada por evangélicos. A igreja evangélica, cujo contingente tem experimentado um crescimento contínuo desde o século passado, representa valores éticos e morais reacionários, além de desempenhar um papel crucial na definição dos papéis de homens e mulheres na sociedade e na família. Estes valores são frequentemente percebidos como sendo atacados, e cabe ao líder neofascista a responsabilidade de defender e preservar esse estilo de vida.

A família patriarcal é um ideal que os políticos fascistas pretendem criar na sociedade – ou recuperar, como afirmam. A família patriarcal é representada sempre como uma parte central das tradições da nação, diminuída, mesmo recentemente, pelo advento do liberalismo e do cosmopolitismo. (STANLEY, 2019, p. 22)

Para um candidato obter sucesso nas eleições, é imperativo conquistar uma parcela do eleitorado evangélico, dada a influência significativa e a presença marcante do evangelismo nas comunidades. A igreja desempenha um papel destacado como uma entidade social que opera em áreas onde o Estado pode não ter alcance.

Com a crise econômica dos anos 1980, a crença se desdobrou em uma nova vertente, o neopentecostalismo, cujo conceito-chave passou a ser a prosperidade financeira. Nesse período, que ficou conhecido como “década perdida”, os novos pastores passaram a dar ênfase, além do dinheiro, à cura de doenças por meio da espiritualidade, já que o sistema de saúde brasileiro era praticamente inexistente. Para os fiéis, a cura e a prosperidade viriam através das batalhas espirituais e do exorcismo ao expulsar demônios que impediam as pessoas de progredir e desse livrar das doenças, dos vícios e da pobreza. (DIEGUEZ,2022, p.76)

Diante do impacto social de magnitude considerável nas comunidades, as igrejas evangélicas experimentaram um crescimento desenfreado por todo o país.

Segundo uma pesquisa realizada pelo Centro de Estudos da Metrópole (CEM) da USP, igrejas evangélicas abriram cerca de 17 novos templos em média, diariamente, no Brasil em 2019. O relatório analisa a expansão desses estabelecimentos no período de 1920 a 2019, juntamente com a localização dos Estados de maior predominância evangélica. Victor Araújo, cientista político da Universidade de Zurique e pesquisador associado ao CEM, comenta que o avanço dessas instituições apresenta origens diversas. É interessante notar que o evangelicalismo chega no Brasil no início dos anos 1900 e começa com trabalhos de missão sobretudo no Norte e no extremo Sul do País. Apesar da tentativa, até os anos 50 pouquíssimas igrejas são abertas; é apenas a partir dos anos 60 que um crescimento substantivo pode ser notado. O maior avanço da expansão das igrejas evangélicas no Brasil aconteceu em meados dos anos 90 até 2016/2017. “A gente passou de cerca de 100 igrejas nos anos 60 para mais de 60 mil templos em 2015. Então a gente tem um crescimento vertiginoso nas últimas décadas”, explica o pesquisador. Araújo também destaca que esse crescimento não está espalhado de forma homogênea pelo território nacional, ele acontece primeiro no Sudeste e vem crescendo, nos últimos tempos, na região Centro-Oeste. “Existem poucos precedentes na história recente do mundo de um crescimento de uma transição religiosa tão acelerada como essa que a gente está vendo no Brasil”, aponta. Para destacar essa questão, Araújo cita o exemplo europeu, que demorou cerca de 500 anos para realizar a mesma transição religiosa que o Brasil acompanhou em poucas décadas. (JORNAL DA USP, 2023)

Os ideais relacionados aos papéis de gênero na estrutura familiar encontram aplicação também no âmbito político. O líder neofascista é percebido como uma autoridade inquestionável, incumbida de prover sustento e proteção à sua comunidade. O líder provê a nação, assim como na família tradicional o pai é o provedor. A autoridade do pai patriarcal deriva de sua força, e a força é o principal valor autoritário (STANLEY, 2019, p.22). A instrumentalização da influência religiosa na esfera política é almejada pelo neofascista, capaz de prejudicar a reputação de políticos e disseminar desinformação. Sob o pretexto de proteger as crianças e os interesses da igreja evangélica, Bolsonaro destacou-se como um dos principais opositores ao kit anti-homofobia proposto por Haddad.

Um episódio marcante se deu em 2011, quando a Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministro da Educação, então comandado pelo ministro Fernando Haddad, preparou um kit anti-homofobia para ser distribuído em 6 mil escolas de ensino médio da rede pública. Além de três vídeos, o kit incluía um caderno, uma série de seis boletins e uma carta de apresentação aos educadores. Os vídeos, que custaram três milhões de reais aos cofres do Ministério, haviam sido elaborados com apoio de ONGs ligadas à causa LGBTQIA+. Um deles, “Torpedo”, mostrava a relação afetiva entre duas adolescentes; outro, “Encontrando Bianca”, narrava a história da uma transexual; o terceiro, “Probabilidade”, comentava as vantagens de se experimentar uma relação bissexual. Alertado do material, Bolsonaro, para ganhar a simpatia da bancada evangélica, fez um barulhão no Congresso, apelidando o programa de “kit gay”. Na verdade, quando os vídeos vieram a público, já tinham sido desautorizados por Haddad – foram barrados pela comunicação do



Ministério, que os considerou “impróprios e de mau gosto”. Isso gerou uma briga com as ONGs ligadas a comunidade LGBTQIA+ envolvidas no projeto, e as peças, por iniciativa unicamente dessas organizações, acabaram postadas nas redes sociais. (DIEGUEZ, 2022, p. 80).

**Figura 5 – Bolsonaro mostrando o livro *Aparelho Sexual e Cia* na TV Globo**



Fonte: (Reprodução/TV Globo, 2018)

O episódio do kit gay voltou à tona nas eleições de 2018. Durante a corrida eleitoral, Bolsonaro utilizava o livro *Aparelho Sexual e Cia* para debater pautas moralistas. Ele chegou a levar o livro na entrevista concedida, durante a campanha eleitoral, ao *Jornal Nacional*, da TV Globo. E o material, deturpado por seus apoiadores, serviu para alimentar uma série de *Fake News* a respeito do suposto “kit gay” (Veiga, 2021). Houve empate entre Bolsonaro e Haddad com a população católica, mas uma grande vitória de Bolsonaro com os evangélicos (11 milhões de votos) garantindo uma vantagem no segundo turno e levando sua vitória (INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, 2018).

### 1.3 Exaltação da família e sexualidade

A sustentação da estrutura familiar e a defesa de seu modelo reacionário representam uma das principais agendas do líder autoritário/neofascista. Os

indivíduos do sexo masculino, desde o nascimento, recebem da sociedade responsabilidades e normas comportamentais para manter o funcionamento coletivo de acordo com padrões desejados, como, por exemplo, ser o provedor do lar, estabelecer um casamento estável, manifestar masculinidade, praticar uma religião específica (como o cristianismo), possuir determinada altura e aparência. O mesmo se aplica aos indivíduos do sexo feminino, que também são orientados por expectativas comportamentais e informações. Qualquer pensamento ou atitude que não esteja alinhado com as normas estabelecidas é considerado, pelo neofascista, como algo estranho, anormal, diferente e ameaçador. Indivíduos do grupo LGBTQIA+, pessoas com deficiência, de outra etnia, com diferentes crenças religiosas ou espirituais (como umbanda, quimbanda, islamismo) e posicionamentos políticos contrários ao neofascista são percebidos como ameaças.

Essa suposta ameaça proveniente de grupos que não se conformam com a visão neofascista, torna-se alvo de discursos de ódio, fomentando o medo e instigando o pânico social, muitas vezes disseminado por meio de campanhas publicitárias, por exemplo.

A propaganda fascista promove o medo de cruzar e misturar raças, de corromper a nação pura – nas palavras de Charles Lindbergh, falando para o movimento America First – com “sangue inferior”. A propaganda fascista amplia esse medo ao sexualizar a ameaça do outro. Como a política fascista tem, na sua base, a tradicional família patriarcal, ela é naturalmente acompanhada de pânico sobre os desvios dessa família patriarcal. Transgêneros e homossexuais são usados para aumentar a ansiedade e pânico sobre a ameaça aos papéis masculinos tradicionais. (STANLEY, 2019, p.127)

O líder autoritário/neofascista instrumentaliza o machismo, homofobia e até mesmo a misoginia como estratégias defensivas. Seu discurso requer uma expressão visual e ferramentas específicas; nesse contexto, o neofascista adota vestimentas de inspiração militar, exhibe com orgulho o uso e o porte de armas, enaltece filmes de ação e explosões, e incorpora outros elementos associados ao universo masculino radical ou à masculinidade tóxica. Segundo Tiburi (2020, p. 69): “Do mesmo modo, homofobia e misoginia são preconceitos transformados em valores, em um clima populista que é promovido por uma estética do macho agressivo limítrofe”.

Bolsonaro, figura que vivenciou três casamentos (o primeiro terminado por motivos políticos e os outros devido a conflitos financeiros e desconfianças), sempre

que abordou o tema, afirmou e defendeu sua masculinidade e os papéis tradicionais de gênero. Em diversas situações, proferiu discursos preconceituosos e zombeteiros em relação àqueles que não se conformavam com os padrões estabelecidos. De acordo com Tiburi (2020, p. 70): “Desde o golpe misógino contra Dilma Rousseff, a extrema direita deixa claro que para ser político no Brasil é preciso ter a aparência de macho. Bolsonaro não teria o poder que tem se não tivesse se utilizado disso”. Com o intuito de reafirmar sua masculinidade, Bolsonaro proferiu um discurso afirmando que tinha cinco filhos, sendo que a quinta nasceu do sexo feminino devido a uma suposta “fraquejada”. Este episódio teve lugar no Clube Hebraica em 2017. Além de tentar reforçar sua virilidade, o então candidato presidencial, durante o evento, emitiu palavras de teor racista. Bolsonaro disse:

“Alguém já viu um japonês pedindo esmola por ai? Porque é uma raça que tem vergonha na cara. Não é igual essa raça que tá aí embaixo ou como uma minoria tá ruminando aqui do lado.” Na ocasião, Bolsonaro também afirmou que visitou um quilombo em Eldorado Paulista, no interior de São Paulo, onde “o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem anda! Eu acho que nem para procriar eles servem mais”. (O Estado de São Paulo, ano140, n 45888, 7 junho de 2019.Política, p. 10)

Em um programa de entrevistas, adotando um tom de piada, disseminou informações incorretas a respeito da comunidade LGBTQIA+.

A vereadora de São Paulo Erika Hilton (PSOL) e a vereadora suplente de Porto Alegre Natasha Ferreira (PSOL) acionaram o Ministério Público Federal (MPF) nesta quarta-feira, 10, contra falas homofóbicas do presidente Jair Bolsonaro (PL) durante participação no Flow Podcast na segunda, 8. Segundo as parlamentares, o chefe do Executivo cometeu crime de LGBTQfobia ao relacionar, de forma pejorativa e preconceituosa, a doença varíola dos macacos (monkeypox) com representantes da comunidade LGBTQ+. Durante a entrevista, Bolsonaro perguntou ao apresentador Igor Coelho se ele tomaria vacina contra a varíola dos macacos. Coelho afirmou que sim, e o presidente, em tom cômico, comentou: “Eu tenho certeza que vai tomar... Tu não me engana! Tu não me engana!”. Segundo a ação das vereadoras, é possível encontrar “piadinhas, deboche, ironia e homofobia” em cada palavra dita por Bolsonaro nesse trecho do programa. O tom da conversa deriva do fato de haver alta incidência da doença entre “homens que fazem sexo com homens” (HSH), o que tem proporcionado uma onda de comentários preconceituosos, homofóbicos e desinformação sobre o assunto e as formas de contágio. A situação é equiparada, para muitos, com o cenário de repulsa que a comunidade LGBTQ+ viveu na década de 1980, quando foi alvo perseguição motivada pela epidemia do HIV/Aids. “Fica evidente que os dizeres ‘tu não me engana, tenho certeza que tu vai tomar e tu não entendeu né?’ são claras menções LGBTQfóbicas do presidente, nas quais ele insinua que ao tomar a vacina o entrevistador seria gay e, por isso, estaria preocupado com a doença”, afirma o documento. (SANTOS,2022)

Em um dos episódios mais recentes relacionados ao tema, em 7 de setembro de 2022, em meio a uma multidão celebrando o feriado da independência do Brasil, Bolsonaro lidera uma espécie de coro proferindo repetidamente a palavra “imbrochável”. Seus seguidores, em resposta, ecoam a mesma expressão. Ao lado de sua terceira esposa, Michelle Bolsonaro, o ex-presidente, que enfrentava então uma considerável rejeição por parte do público feminino, busca projetar uma imagem de casamento estável e unido perante sua audiência.

Com alta rejeição entre os eleitorado feminino, o presidente Jair Bolsonaro (PL) reforçou ontem clichês e estereótipos machistas durante discurso a apoiadores em Brasília, no 7 de setembro. O chefe Executivo engrossou coro do público que o chamou de “imbrochável”, recomendou aos homens buscar uma “princesa” para casar e comparou a primeira-dama Michelle Bolsonaro à socióloga Rosângela da Silva, a Janja, mulher do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), seu principal adversário na disputa pelo Palácio do Planalto. Além de se dizer “Imbrochável”, Bolsonaro deu um conselho aos homens. “Eu tenho falado para os homens solteiros, para os solteiros que estão cansados de ser infelizes. Procure uma mulher, uma princesa, se case com ela para serem mais felizes ainda”, disse o presidente aos apoiadores, ante de beijar a primeira-dama”. (O Estado de São Paulo, 143, n 47077, 8 setembro 2022. Política, p. 8).

Na mesma reportagem, observa-se que, de acordo com a pesquisa do Ipec (anteriormente Ibope), divulgada uma semana antes do feriado, Bolsonaro contava com uma intenção de votos de 26% entre as mulheres. No final de agosto do mesmo ano, o ex-presidente apresentava uma taxa de 29%. Seu discurso autodenominado “imbrochável” gerou indignação em Simone Tebet (MDB) e Soraya Thronicke (União Brasil), ambas senadoras e, na época, adversárias de Bolsonaro nas eleições presidenciais.

“O presidente insiste em propagar que é imbrochável – informando que, sinceramente, não interessa ao povo brasileiro”, disse Soraya. “Vergonhoso e patético! No dia da Independência do Brasil, o presidente mostra todo seu desprezo pelas mulheres e sua masculinidade tóxica e infantil. Como brasileira e mulher, me sinto envergonhada e desrespeitada”, escreveu Simone. (O Estado de São Paulo, 143, n 47077, 8 setembro 2022. Política, p. 8).

Para efetuar suas aparições sem enfrentar o incômodo da mídia e evitar perguntas pertinentes sobre assuntos nacionais, Bolsonaro concedeu acesso exclusivo ao canal Foco do Brasil, no Palácio da Alvorada. O Foco do Brasil, desenvolvido pelo técnico de informática Anderson Rossi, foi estabelecido como um canal no YouTube com a intenção de ser uma das principais plataformas de

comunicação de Bolsonaro com seus seguidores. Enquanto outros canais jornalísticos sofriam ataques da base de apoiadores de Bolsonaro, o Foco do Brasil ganhava notoriedade. Segundo Camporez, Pires e Moura (2020, p. 6) “Ao Estadão, o dono do canal Foco do Brasil revelou como tem acesso exclusivo ao presidente e às dependências do Palácio da Alvorada”.

O canal de Rossi tinha como objetivo promover narrativas alinhadas com o presidente e sua base de apoiadores. Em uma dessas entrevistas, em agosto de 2021, Bolsonaro exibe uma medalha contendo o que ele descreveu como as '3 Is'.

O objeto possui uma foto do mandatário com os dizeres: "Clube Bolsonaro - Imorrível, imbrochavel e incomível". Na saída do Palácio da Alvorada, o mandatário mostrou a medalha aos bolsonaristas e pediu que a lessem. "Minha mulher não pode ver isso não. Essa medalha não é qualquer um que tem não, pô", emendou rindo. (SOARES,2021)

No ano de 2022, com o término do governo Bolsonaro e a aproximação das eleições, o canal Foco do Brasil perdeu gradualmente sua relevância e passou a ser objeto de investigação no inquérito que apura atos antidemocráticos. Diante desse contexto, Anderson Rossi, seu criador, optou por colocá-lo à venda.

**Figura 6 – Bolsonaro mostra sua medalha a apoiadores**



Fonte: (Foco do Brasil/Reprodução)

A medalha exibida por Bolsonaro em 2021, conhecida como as '3 Is', gerou considerável atenção e discussão. Essa atitude do presidente é simbólica e revela elementos de sua personalidade política. Ao declarar-se "imorrível", Bolsonaro parece destacar sua resistência ou invencibilidade diante de desafios ou críticas. A expressão "imbroxável" sugere uma alusão à virilidade, reforçando traços de masculinidade e potência, características comuns em discursos de líderes neofascistas. A palavra "incomível" traz consigo uma carga simbólica, talvez apontando para a ideia de ser inabalável ou inatingível, desafiando o escrutínio público ou críticas alimentadas pela opinião popular. Essa atitude, embora possa ter sido destinada a transmitir confiança e força, também gerou controvérsias, sendo interpretada por alguns como uma manifestação de soberba e desrespeito. Essa medalha, portanto, não apenas reflete elementos da imagem pública de Bolsonaro, mas também ilustra como líderes políticos utilizam símbolos e narrativas para construir e manter sua base de apoio, além de influenciar a percepção do público sobre sua figura e liderança.

A política neofascista distorce a sexualidade masculina, provocada pela crise econômica e social, transformando-a em destruição para os alicerces do conceito de família tradicional. Destruição vinda daqueles que rejeitam as estruturas e tradições do fascista (STANLEY, 2022). Constantemente, Bolsonaro procura reforçar uma imagem de virilidade elevada, buscando manter-se alinhado ao estereótipo de homem "alpha". Esse comportamento é motivado pela necessidade do líder neofascista em apresentar-se como robusto em todos os aspectos, a fim de proteger seu modelo e estilo de vida. Além da polêmica "medalha" de imbrochável, essa exibição de força tornou-se motivo de escárnio em situações como a demonstração de falta de habilidade no manuseio de uma arma de fogo. Embora Bolsonaro tenha uma extensa trajetória no exército e defenda fervorosamente a posse de armas, em fevereiro de 2022, durante uma atividade em um campo de tiro, o ex-presidente enfrentou dificuldades para destravar uma arma, revelando uma aparente contradição entre sua retórica e habilidades práticas. Coube a um instrutor mostrar a Bolsonaro que a arma estava travada e por esse motivo não conseguia efetuar o disparo. Carlos mostrou certa irritação e tirou rapidamente a mão do instrutor. "É meu jeito", diz Bolsonaro. (TEODORO, 2022).

## 2 Eleições, cercadinho e 7 de setembro: o carisma neofascista

Bolsonaro, nascido em 21 de março de 1955 em Glicério, interior de São Paulo, teve seu primeiro envolvimento com o meio militar durante a adolescência, conforme registrado no livro "Jair Messias Bolsonaro: Mito ou verdade", publicado pela editora Altadena. Nesse período, por volta dos anos 1970, o ex-militar e guerrilheiro Lamarca estava sendo perseguido por soldados. Com apenas 15 anos, Bolsonaro prestou auxílio aos militares nas operações de busca pelo guerrilheiro na região do Vale do Ribeira. Contudo, segundo Carvalho (2021, v3, p.25) “não há indicação, muito menos nominal, de que os militares que caçavam Lamarca em Eldorado tenham recebido qualquer ajuda de populares”.

Em 1974, Bolsonaro foi admitido como cadete na Academia Militar das Agulhas Negras (Aman), uma instituição de ensino superior responsável pela formação dos oficiais combatentes de carreira do Exército Brasileiro, marcando o início de sua trajetória no meio militar. Devido ao seu imponente porte físico na época, Bolsonaro destacou-se entre seus colegas em atividades físicas, sendo apelidado de "Cavalão". Essa notoriedade levou-o a iniciar o curso básico de paraquedismo em julho de 1977, completando cinco saltos e concluindo o curso em dezembro do mesmo ano, obtendo o título de cadete da Aman. De acordo com Carvalho (2021, v3, p.43): “Em seguida, serviu como oficial subalterno no 21º grupo de Artilharia de Campanha (GAC) em São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Entre 1978 e 1979, segundo informa sua ficha cadastral no Exército [...]”. De oficial subalterno subiu para segundo-tenente e continuou até alcançar o título de capitão em 1983, aos 28 anos, promovido por antiguidade.

A vida pública e tumultuada do então Capitão Bolsonaro ganhou destaque após uma entrevista à revista *Veja* sobre a operação "Beco sem Saída". A repórter Cassia Maria, que conduziu a entrevista na época, relatou que a referida operação envolvia a colocação de explosivos em quartéis como forma de protesto contra os baixos salários dos militares. O texto resultou em um julgamento de Bolsonaro pelo Supremo Tribunal Militar (STM). Durante o processo, foram recolhidas evidências, incluindo depoimentos, perícia grafotécnica de croquis (rascunhos das bombas e locais do ataque) e manuscritos atribuídos a Bolsonaro. A falta de clareza nas evidências levou à sua inocentação das acusações. Apesar de ser libertado das imputações, a repercussão do caso encerrou sua carreira militar, sendo afastado

como militar reformado, impedido de atuar nas Forças Armadas do país. Afastado do exército, Bolsonaro aproveita sua fama temporária na mídia, conquistada graças à polêmica do caso, para criar uma carreira política (CARVALHO).

Após a primeira eleição depois do fim da ditadura de 1964, Bolsonaro inicia sua carreira política como vereador pelo Partido Democrata Cristão (PDC). A vaga como vereador foi conquistada depois de meses divulgando sua imagem junto ao número 17681, sua identificação na urna, e eleito com 11062 votos (PIVA,2022). A vida na Câmara do Rio provocou seu primeiro divórcio com Rogéria Bolsonaro, em 1992. Rogéria disputou uma vaga na Câmara Municipal do Rio e tornou-se a segunda Bolsonaro a entrar na política. Durante a corrida eleitoral, segundo Piva (2022, p.48) “A candidata era sua mulher, mas quem falava era ele. No jornal O Globo, o silêncio de Rogéria também foi notado: ela passou a campanha muda, mas não queria sair calada”. Ocupando uma cadeira no Palácio Pedro Ernesto, Rogéria encontra-se em uma relação de dependência com seu marido, realizando nomeações de familiares e pessoas de confiança para cargos no gabinete. Feito que acontecia desde 1991 no gabinete de seu marido. Durante 8 anos, 66 pessoas foram nomeadas para o gabinete de Rogéria, a maioria por indicações de Jair. O nepotismo e a dependência que tinha com o marido fizeram Rogéria ir contra as vontades do companheiro, provocando tensão no casamento. O atrito resultou em divórcio e, de acordo com Piva (2022, p. 50) “Além do mais, Jair engatara, e Rogéria sabia, uma relação com uma assessora de cabelos castanho-claros, bonita e mais jovem do que ela”. Sem apoio de Jair, a carreira política de Rogéria encontra seu fim nas eleições de 2000.

Com uma nova companheira, Bolsonaro inicia sua expansão na Câmara, junto de Ana Cristina Valle, o clã Bolsonaro cresce em números (com a entrada de dois filhos na vida política) e em patrimônio (com esquemas de rachadinhas nos gabinetes dos deputados). Carlos Bolsonaro foi emancipado aos 17 anos pelo pai para concorrer nas eleições de 2000 e é eleito com 16053 votos sendo o vereador mais jovem do país. Seu irmão, Flávio Bolsonaro, inicia sua vida política nas eleições de 2002 e assumindo o cargo em 2003. Nessa época Eduardo Bolsonaro, também conhecido como 03, ainda era jovem, mas segue o mesmo caminho que seus irmãos em 2015. Com uma companheira e dois filhos na política, Jair coordenava três gabinetes e mais de 60 nomeações (PIVA, 2022). Tendo acesso e



influência de todos os gabinetes, Jair inicia seu negócio de rachadinhas (ou desvio de salário de assessor).

Todos os indivíduos que eram nomeados (familiares, amigos, amigos de familiares) a algum cargo nos gabinetes da família, recebiam instruções de repassar o salário para Jair. Segundo Piva (2022, p. 73) “Cada integrante tinha que sacar o salário todo mês. O ideal era que o valor não fosse retirado integralmente, mas fracionado em saques de quinhentos reais ou mil reais”. Com o grande fluxo monetário indo para o chefe da família, vieram à aquisição de casas e apartamentos. O consumo do casal era tanto que Bolsonaro não declarou seus bens nas reeleições e omitiu dez bens ao Tribunal Superior Eleitoral em 2006 (PIVA, 2022). Brigas por dinheiro, fofocas sobre relações com terceiros e muita desconfiança resultaram no término do casamento entre Jair e Valle em 2007. Mesmo ano em que Jair começa uma relação com Michelle de Paula Firmo Reinaldo, mulher que anos mais tarde, torna-se a primeira dama de 2019 a 2022.

Aqui no Brasil, o neofascismo retorna, com força, à sociedade nas eleições para a presidência em 2018. Da mesma forma como o fascismo manifestou-se na Europa, o neofascismo no Brasil cresceu e se espalhou como consequência do cenário caótico produzido pelo processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. O impeachment<sup>3</sup> da 36ª presidente foi fomentado pela insatisfação de parlamentares no Congresso, operação Lava Jato, aumento no valor das passagens de ônibus, inflação e reprodução de notícias partidárias pelas grandes mídias. Tais acontecimentos resultaram em uma crise política, social e econômica; conseqüentemente, abrindo espaço para o discurso autoritário neofascista. Tal manifestação foi reproduzida por boa parte da população onde palavras contra o governo, contra partidos de esquerda e centro esquerda, movimentos sociais e políticas públicas tornam-se diárias. Como um parasita vivendo à custa de outro organismo, o fascismo instalou-se nas costas do neoliberalismo com Michel Temer, vice-presidente de Dilma e presidente por dois anos após o impeachment da mesma (DIEGUEZ).

Michel Temer, advogado e político filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), assume o cargo de presidente da república de 31

---

<sup>3</sup> Além disso, Dilma enfrentou uma crescente oposição política no Congresso Nacional, enfrentando dificuldades para aprovar medidas legislativas e enfrentando acusações de corrupção envolvendo membros de seu partido e de sua coalizão governista.

de agosto de 2016 até 1 de janeiro de 2019. Durante seu tempo na presidência propôs reforma trabalhista, reforma previdenciária e política (que foram duramente criticadas pela população), liberou o saque do FGTS na tentativa de controlar a inflação, porém não obteve os resultados esperados, sofreu duas tentativas de impeachment fracassadas motivadas por investigações de corrupção envolvendo sua equipe e o próprio, o desemprego subiu na mesma velocidade que o número de trabalhadores precarizados, e em 2018, acontece à greve dos caminhoneiros causada pelo aumento no valor do diesel e desvalorização da categoria; a greve cresceu ao ponto de 24 estados aderirem ao movimento. Nota-se que a insatisfação da população cresceu durante o governo Temer na mesma velocidade que o discurso autoritário e totalitário de figuras públicas.

Um governo em crise seguido do outro acabou abrindo espaço para um sujeito com um discurso radical, uma longa carreira na política regada de esquemas de funcionário fantasma e rachadinhas, algumas aparições em programas de fofoca e entrevistas, e uma carreira militar suspensa devido à atendados terroristas como manifestação de melhores condições de salário. Jair Messias Bolsonaro, sujeito que emerge como a solução para todos os problemas do país (DIEGUEZ).

## **2.1 A construção do político carismático**

No Brasil, nos primeiros anos do século XXI, programas televisivos que combinavam humor, jornalismo e fofocas de celebridades eram amplamente populares na TV aberta. Esses programas, caracterizados pela fusão de elementos informativos e entretenimento, desfrutavam de uma audiência significativa, exercendo uma influência marcante na paisagem televisiva brasileira. As enquetes veiculadas nesses programas eram objeto de problematização e discussão, resultando em impactos notáveis nas trajetórias profissionais dos envolvidos, que experimentavam tanto ascensões quanto declínios em suas carreiras. Produções televisivas como "SuperPop", "Custe o que Custar" (CQC) e "Pânico na TV" desempenharam um papel crucial ao colocar em evidência figuras públicas, sejam elas artistas, políticos ou diretores, conferindo-lhes visibilidade midiática. Muitos indivíduos que foram beneficiados por essas ferramentas de comunicação utilizaram-nas estrategicamente para amplificar suas imagens perante o público.

Ao longo de sua carreira política, Bolsonaro esteve envolvido em controvérsias amplamente divulgadas pelos meios de comunicação. Reconhecido pela imprensa como um parlamentar que expressa abertamente suas opiniões, Bolsonaro protagonizou um episódio marcante que culminou em ofensas dirigidas a uma colega deputada. Em novembro de 2003, durante uma entrevista na RedeTV, Maria do Rosário acusou Bolsonaro de incentivar a violência, inclusive de natureza sexual. Em resposta, Bolsonaro reagiu empurrando e proferindo insultos verbais contra a deputada. Este incidente ocorreu após Maria do Rosário utilizar a tribuna da Câmara para celebrar o Dia Internacional dos Direitos Humanos e abordar a entrega do relatório final da Comissão Nacional da Verdade.

O salão verde da Câmara dos Deputados transformou-se ontem em palco de uma briga com direito a agressões verbais e muito choro. Tudo começou quando o deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ), em entrevista para TV, defendia a tese de que maiores de 16 anos podem ser responsabilizados criminalmente por seus atos. Em seguida, seria a vez da deputada Maria do Rosário (PT-RS) dar sua opinião. “Eu nem havia acabado de falar e ela interrompeu, dizendo que haveria um bom debate.” Foi a deixa. Bolsonaro sugeriu que a deputada colocasse um pequeno marginal para dirigir o carro que leva seu filho à escola. Ela retrucou, chamando o deputado de “estuprador”. Ele não ficou calado: “Estuprador é seu cunhado”. Nesta semana, o cunhado dela foi flagrado com duas meninas, uma delas 11 anos. Havia outro homem com eles. À polícia os dois disseram que estavam apenas dando uma carona. A troca de agressões continuou. A deputada diz ter sido chamada de “vagabunda”. “Não me recordo, mas sei que ela tentou me bater”, disse. Segundo a assessoria da deputada, Bolsonaro teria dado um empurrão nela. “Não vou sair correndo se ela tenta me bater. Tentei contê-la.” Aos gritos, Maria do Rosário afirmou que Bolsonaro estava tentando agredi-la. Saiu chorando. “Ela aloprou”, afirmou o deputado. Mais de 20 minutos depois do episódio, a deputada ainda chorava e prometia entrar com uma ação administrativa contra Bolsonaro. De acordo com sua assessoria, Maria do Rosário não o interrompeu. (O Estado de São Paulo, 124, n 40202, 12 novembro 2003. Segurança, p.39)

Como resposta ao acalorado debate e às ofensas dirigidas a Maria do Rosário, a imagem e o nome de Jair Bolsonaro se difundiram pelos canais da televisão aberta, proporcionando-lhe participação em entrevistas em programas de destaque, como o CQC. O deputado foi convidado a integrar um quadro no programa CQC em 2011, no qual respondia a perguntas formuladas por civis. As indagações abordavam temas como exército, ditadura, família, Dilma, Lula, cotas raciais, questões raciais, parada gay e homossexualidade. Dada à personalidade, histórico de vida e posicionamento político do deputado, era de esperado respostas marcadas pelo radicalismo, visando aumentar a audiência, e esse cenário

concretizou-se. As respostas fornecidas por Bolsonaro revelaram-se racistas, homofóbicas, machistas e misóginas.

A declaração de Jair Bolsonaro no CQC criou mobilização no Twitter e Facebook. Um aviso pede para cidadãos mandarem e-mails para o Conselho de Ética e Decoro Parlamentar expressando indignação sobre os comentários considerados racistas e homofóbicos. (RACY, 2011, p.87)

A postura e as respostas do parlamentar provocaram comoção e indignação tanto nos veículos jornalísticos quanto nos programas de entretenimento e entre os próprios membros do parlamento. No mesmo ano, segundo Oliveira (2023): “Em entrevista à Luciana Gimenez no Superpop, da RedeTV!, o ex-presidente disse que não gostariam que seus filhos fossem homossexuais. “Nenhum pai gostaria”, respondeu à apresentadora.”.

A audiência do programa SuperPop experimentou um crescimento durante a entrevista. A presença de Bolsonaro nesses programas não apenas resultava em um aumento de audiência para o programa, mas também na ampliação da popularidade de sua imagem e de suas ideias. Um processo legal foi iniciado contra Bolsonaro, e em 2015,

O deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ) foi condenado por dano moral pela 6.ª Vara Cível do Fórum de Madureira a indenizar em R\$150 mil o Fundo de Defesa dos Direitos Difusos, do Ministério da Justiça, por declarações homofóbicas. Bolsonaro afirmou que recorrerá. “Não sou homofóbico, gordofóbico, flamengofóbico, heterofóbico. O governo é que estimula isso através do Plano Nacional de Promoção de Direitos Humanos e Cidadania LGBT. O governo é que joga homo contra hétero”, disse o parlamentar, que ontem pediu sua desfiliação do PP. A ação civil pública foi proposta por grupos de defesa dos direitos de homossexuais com base em declarações do deputado ao programa CQC, da TV Bandeirantes, em março de 2011, e em palestra na Universidade Federal Fluminense (UFF) em setembro daquele ano, de onde acabou expulso por estudantes. A juíza Luciana Santos Teixeira se baseou no artigo 187 do Código Civil, que prevê punição para o “titular de um direito” que “comete ato ilícito” ao exceder “manifestamente os limites impostos (...) pela boa-fé ou pelos bons costumes”. Na sentença, a juíza considerou que “não se pode deliberadamente agredir e humilhar, ignorando-se os princípios da igualdade e isonomia, com base na invocação à liberdade de expressão”. Ela rejeitou a tese da defesa de que Bolsonaro tem imunidade parlamentar. No CQC, ao ser questionado sobre como se comportaria se tivesse filho gay, Bolsonaro disse que seus filhos tiveram “boa educação”. Então, não corro esse risco”. No programa, ele declarou à cantora Preta Gil que não discutiria “promiscuidade” quando indagado sobre o que falaria se o seu filho namorasse uma negra. Bolsonaro alega que o programa foi editado e que achava que respondia a uma pergunta de Preta sobre homossexualidade. O caso originou a abertura de inquérito por suspeita de conduta racista, no Supremo Tribunal Federal, em 2013. O procurador-geral da república, Rodrigo Janot, pediu ao Supremo o arquivamento do

procedimento, mas a corte ainda não deu parecer sobre demanda. (O Estado de São Paulo, 136, n 44374, 15 abril 2015. Política, p.7)

Além de participar de entrevistas em programas populares, Bolsonaro foi objeto de intensa cobertura midiática, destacando-se mais uma vez em uma polêmica durante o processo de impeachment em 2016. Ao proferir seu voto a favor do afastamento de Dilma Rousseff da presidência, Bolsonaro fez um discurso breve no qual chegou a prestar homenagem a Ustra. Após 6 dias de julgamento, o Senado concluiu, em 31 de agosto, o impeachment de Dilma Rousseff, cassando o mandato da presidente, mas mantendo os seus direitos políticos (Agência Senado, 2016).

Ao votar pelo impeachment de Dilma, Bolsonaro citou Ustra no discurso, causando polêmica. “Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família, pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve, contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo Exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim”, declarou na ocasião em plenário. (O Estado de São Paulo, 140, n 45814, 25 março 2019. Política, p. 8)

O coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra foi encarregado do comando do Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (Doi-Codi) em São Paulo. O Doi-Codi desempenhou um papel crucial como instrumento de repressão política durante a ditadura militar de 1964, sendo encarregado de investigar e reprimir qualquer forma de manifestação contrária aos interesses militares em todo o país, concentrando seu poder principalmente na região sudeste. O Doi-Codi foi associado a inúmeras práticas de tortura e desaparecimentos forçados, e entre as pessoas submetidas a esses horrores estava Dilma Rousseff, que foi alvo de investigação. Dilma foi presa em 16 de janeiro de 1970 em um bar na Rua Augusta, região central de São Paulo. O local era utilizado para encontro clandestino entre militantes (Lemos, Maciel, 2020). Torturada pelos órgãos da repressão e encarcerada no Presídio Tiradentes, também na capital paulista, a ex-presidenta relembra esse momento doloroso e de resistência (Lemos, Maciel, 2020).

Em 2009, Jair Bolsonaro coloca em sua sala de trabalho um cartaz que zomba da memória dos familiares que enfrentaram a perda de seus entes queridos nas valas comuns de Araguaia.

Um cartaz pendurado na porta do gabinete do deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) está causando polêmica na Câmara. Deputados do PC do B ficaram indignados diante da imagem de um cachorro mordendo um osso sob a mensagem "Desaparecidos do Araguaia, quem procura osso é cachorro." Trata-se de um "recado" aos setores da esquerda que defendem a abertura dos arquivos da ditadura, além da recuperação dos restos mortais de militantes que participaram da guerrilha rural liderada pelo PC do B nos anos 70. Único parlamentar a defender abertamente a ditadura militar, Bolsonaro afirma que está fazendo um protesto contra as indenizações "bilionárias" concedidas aos ex-presos políticos. "A mentira deles não é a verdade da história. O povo tem de dar graças a Deus aos militares. Tenho o direito de me expressar", diz o parlamentar. (VENCESLAU, 2009)

Colegas parlamentares discordaram da ação de Bolsonaro, mas não queriam polemizar, pois o deputado iria usar o caso para, mais uma vez, vender sua imagem na mídia (VENCESLAU, 2009).

Em seu primeiro ano de governo como presidente, Bolsonaro encerrou o Grupo de Trabalho Perus, responsável por identificar corpos de desaparecidos políticos da ditadura militar (1964-1985) entre as 1.047 caixas com ossadas da vala comum de um cemitério na zona oeste de São Paulo (SP), e o Grupo de Trabalho Araguaia, responsável pela busca e identificação dos restos mortais da guerrilha do Araguaia (BRASIL DE FATO, 2019).

Seu discurso recorrente, caracterizado por elementos religiosos, reacionários, autoritários e nostálgicos, atraiu pessoas com ideias afins. A estratégia polêmica, utilizada como instrumento de marketing, culminou na formação de uma base de seguidores que, posteriormente, seriam denominados bolsonaristas. A presença frequente em capas de revistas e na televisão tornou-se uma eficaz ferramenta de promoção de sua imagem.

Os programas CQC e SuperPop não eram sócios do deputado, porém ambos os lados viam que a posição autoritária de Bolsonaro nas entrevistas era um caminho para uma audiência gigantesca sem fazer muito esforço (STYCER, 2018).

Enquanto palavras de barbárie saíam de sua boca, quase ninguém o questionava e quando era questionado o objetivo era aumentar a polêmica do debate; aumentando a polêmica, a audiência subia. Esclarecer qualquer coisa para evitar desinformação ou ódio sobre o outro era desnecessário (STYCER, 2018).

Valendo-se da polêmica como estratégia para promover suas ideias alinhadas com o pensamento da extrema direita, Bolsonaro angariava apoio de diversos setores, incluindo civis, parlamentares e empresários.

Com uma base sólida e seu nome frequentemente presente em veículos de comunicação, seja para críticas ou elogios, Bolsonaro ingressa na corrida eleitoral para a presidência em 2018, conquistando, no segundo turno, a vitória nas eleições com um total de 57.797.847 votos.

## **2.2 Eleições e base bolsonarista**

No ano de 2018, o Brasil foi palco das eleições presidenciais, tornando-se um cenário caracterizado por conflitos políticos e familiares. O discurso radical de Bolsonaro disseminou-se de maneira tão eficaz pelas redes sociais que indivíduos passaram a entrar em conflito com seus próprios familiares, e tais conflitos intensificaram-se à medida que os debates eleitorais transcorriam.

Nem todo mundo insiste na convivência: a filha do engenheiro Júlio, de 54 anos, já anunciou que não vai passar o Natal com ele. Julio votou em João Amoêdo (Novo) no primeiro turno e declarou voto em Bolsonaro no segundo. Sua filha única tem 21 anos, é feminista, militante do Psol pretende votar em Haddad. A diferença entre pai e filha reflete uma distância geracional nas intenções de voto: o capitão reformado tem maioria em todas as faixas etárias, mas menos entre os mais jovens (16 a 24 anos), onde está tecnicamente empatado com o professor da USP. Após um crescimento na última semana, Haddad tem hoje 45% dos votos válidos nessa faixa etária. Bolsonaro tem 42%. (MORI, 2018)

Os debates eleitorais são espaços-chave das campanhas eleitorais brasileiras, sendo realizados por diferentes meios de comunicação (emissoras de televisão, rádio ou veículos na internet) (BLUME, 2016). Os debates eleitorais, juntamente com o horário político, representam ferramentas de comunicação por meio das quais os candidatos se conectam com a população, apresentando e elucidando seus planos e objetivos para o país. Esses debates desempenham um papel crucial, uma vez que a habilidade do político em esclarecer questões específicas pode impactar significativamente sua intenção de votos. Em situações em que um candidato não consegue apresentar de forma satisfatória suas propostas, estratégias alternativas podem ser adotadas, como a evitação dos debates, como ocorreu no caso de Bolsonaro. Devido ao seu desempenho pouco favorável nos primeiros embates com outros candidatos, Bolsonaro optou por se abster dos debates presenciais, preferindo manifestar-se por meio de suas redes sociais, um ambiente no qual ele detinha maior controle sobre a narrativa.

No primeiro debate, realizado pela Band, Bolsonaro acabou ficando apagado em relação aos demais candidatos. No segundo, promovido pela Rede TV!, a situação do capitão da reserva ficou mais dramática. A falta de conhecimento de Bolsonaro sobre questões econômicas ficou evidente quando ele tentou responder a uma pergunta do jornalista Reinaldo Azevedo. Além disso, Bolsonaro foi duramente confrontado pela candidata Marina Silva (Rede) que aproveitou um comentário dele sobre igualdade salarial entre homens e mulheres para pressioná-lo. “Você acha que pode resolver tudo no grito, na violência”, disse Marina, que se saiu melhor no confronto olho no olho – que havia sido iniciado por Bolsonaro. Para o cientista político, a falta de experiência do presidencialista do PSL na disputa por cargos no Executivo explica porque ele não se saiu bem nos dois debates dos quais participou. “No caso do Bolsonaro, toda a formação política dele é no Legislativo. Ele ainda não tem o traquejo necessário para um postulante ao cargo de presidente”, diz. “Falta experiência para ele saber se portar em momentos como o debate em que você tem que defender sua posição e responder a críticas do adversário”, completa. Para Quadros, a estratégia de Bolsonaro de preservar sua imagem ao não comparecer aos debates não vai se sustentar por muito tempo. “Essa estratégia funciona até um certo momento, mas de determinados debates creio que ele tenha que participar”, diz. Sobretudo nos debates mais próximos do dia de votação. A estratégia de usar apenas a internet, para Quadros, não vai ser suficiente para garantir Bolsonaro em um segundo turno da disputa. “É o que chamamos de pregar para os convertidos, esses eleitores [impactados pela internet] funcionariam como formadores de opinião, militantes desse candidato para fazer [propaganda] boca a boca. Por outro lado, o debate vai, de certa maneira, fortalecer esse trabalho dos militantes”, explica. (Kadanus, 2018)

Devido ao seu carisma singular e à adoção de um discurso superficial e radical, a estratégia de se manifestar exclusivamente nas redes sociais, em detrimento da participação em debates eleitorais, revelou-se eficaz para Bolsonaro. Em 2018, o político, anteriormente reconhecido principalmente por envolvimento em controvérsias, consolidou uma base de apoiadores forte e coesa, permitindo-lhe chegar ao segundo turno das eleições. Dada à natureza radical de Bolsonaro, sua base de seguidores também adotava posturas extremas, contribuindo para incidentes de ataques e conflitos nas ruas. A polarização resultante desses eventos permeou não apenas a esfera política, mas também dividiu famílias e a própria sociedade brasileira. Segundo Gregorio (2018): “A maioria envolve ataques de apoiadores de Jair Bolsonaro (PSL) contra gays, mulheres, e pessoas vestindo símbolos da esquerda, como bonés do MST ou camisetas do PT.”.

O site Vitimas da Intolerância, das ONGs Open Knowledge Brasil, Brasil.IO e Agência Pública de jornalismo, totalizou quase 60 ocorrências ligadas às eleições, incluindo 36 homicídios e agressões. Já a plataforma Violência Política no Brasil, dos portais Opera Mundi, Outras Palavras e De Olho nos



Ruralistas, contabiliza 133 agressões por motivos políticos, incluindo oito mortes e 42 lesões corporais. (Gregorio, 2018)

A violência decorrente da polarização atingiu níveis alarmantes, chegando a afetar diretamente os próprios candidatos. Durante um evento de campanha em Juiz de Fora, Bolsonaro foi alvo de um ataque com faca, resultando em ferimentos abdominais. Esse incidente foi interpretado pelos apoiadores do presidente como um sinal de sua competência enquanto líder, sugerindo que a oposição estava disposta a eliminá-lo para favorecer uma suposta classe dominante interessada na destruição do país. Este imaginário<sup>4</sup>, amplamente difundido pelos bolsonaristas, contribuiu para a consolidação de narrativas específicas em torno do episódio.

O candidato do PSL à Presidência, Jair Bolsonaro foi esfaqueado na tarde de ontem quando participava de uma agenda de campanha em Juiz de Fora (MG). Líder nas pesquisas de intenção de votos, Bolsonaro era carregado na região central da cidade quando foi golpeado na altura do abdômen por seu agressor, identificado como Adélio Bispo de Oliveira, de 40 anos, que foi preso. O presidente eleito sofreu o atentado por volta das 15h40. Após ser socorrido, ele deu entrada na Santa Casa do município e foi submetido a uma cirurgia. Segundo os médicos, seu quadro de saúde era “grave, mas estável”. O candidato sofreu um único golpe de faca que perfurou em três partes o intestino delgado, provocando traumatismo abdominal e hemorragia interna. ( O Estado de São Paulo, 139, n 45615, 7 setembro 2018. Política, p. 4)

A expressão nas redes sociais, o discurso radical, a construção cuidadosa da imagem de um político carismático e distintivo, bem como o incidente da facada, constituíram elementos cruciais que contribuíram para o triunfo de Bolsonaro no segundo turno das eleições. De maneira análoga aos debates, o candidato reconhecia a necessidade de um ambiente controlado para interagir com seus apoiadores e seguidores, estendendo-se além das transmissões ao vivo no YouTube e no Facebook.

Logo no início do mandato, Bolsonaro criou uma maneira inovadora de conversar com seus eleitores e repassar informações para a mídia. Esta forma de comunicação do governo se tornou recorrente e oficial a partir do momento em que o presidente aboliu as conferências de imprensa. O local substituto das coletivas era uma espécie de cercado com grades, posicionado em frente ao Palácio da Alvorada, moradia oficial do Presidente da República. À medida que o ambiente foi se consolidando, a própria mídia

---

<sup>4</sup> O episódio da facada é um evento cinzento, pois existem teorias baseadas em certos aspectos do ocorrido que indicam que a facada não aconteceu. Resultando no aumento de apoio a Bolsonaro. Como por exemplo: a falta de sangue na lâmina e a rapidez e facilidade que Adélio teve para se aproximar de Bolsonaro.

batizou o lugar de cercadinho da Alvorada. A imprensa dividia o mesmo espaço com apoiadores de Bolsonaro, gerando uma atmosfera de tensão, principalmente quando o presidente era ríspido com os jornalistas. (PINHO,2022, p.3)

O espaço delimitado, conhecido como "cercadinho", inicialmente destinado a diálogos diretos com seus apoiadores e opositores, transformou-se progressivamente em um ambiente onde, ao serem abordadas questões governamentais, Bolsonaro e seus seguidores reagiam com ataques àqueles que levantavam tais questionamentos. Gradualmente, o "cercadinho" passou a ser um espaço restrito apenas aos indivíduos que expressavam um apoio incondicional ao ex-presidente.

### **2.3 7 de setembro: papel, fumaça e gritos**

O Dia da Independência, celebrado em 7 de setembro, representa um feriado nacional no Brasil, marcado por desfiles conduzidos por prefeitos e governadores em diversas localidades, reverenciando a história da nação. O desfile principal ocorre em Brasília, contando com a participação do presidente da república. No entanto, no feriado de 7 de setembro de 2021, durante o governo de Bolsonaro, a data assumiu contornos singulares, caracterizados por manifestações, disseminação de informações falsas e conflitos com o Supremo Tribunal Federal.

Ao longo de sua gestão, Bolsonaro e sua equipe patrocinaram e incentivaram as chamadas "motociatas", que consistiam em carreatas de motocicletas em diferentes regiões do país, nas quais Bolsonaro liderava o cortejo em sua moto, seguido por fervorosos apoiadores. Estes eventos eram marcados por uma exaltação da imagem do presidente, discursos antidemocráticos e louvação à ditadura, além de outros discursos de teor radical promovidos por Bolsonaro. Tudo isso ocorreu em um contexto em que o país enfrentava desafios significativos, como a pandemia, a fome e o desemprego. Segundo Cantanhêde (2021, p. 5):

Enquanto suas condições de governabilidade e seu governo esfarelam ao vivo e em cores, o que faz Jair Bolsonaro? Motociatas, ameaças ao Supremo, ataques a jornalistas (mulheres, em geral) e campanha contra máscaras e a urna eletrônica, um orgulho nacional. As pesquisas dizem que não está dando certo.

À medida que se aproximava o feriado de 7 de setembro, observou-se um aumento nas tensões, impulsionado pelo imaginário bolsonarista que concebia a possibilidade de uma revolução iminente. A base de apoio a Bolsonaro propagava a narrativa de que seu líder assumiria plenamente o controle do país para governar de forma mais assertiva. Essas informações eram alimentadas por meio de notícias falsas disseminadas em grupos de WhatsApp, Telegram e hashtags no Twitter. Segundo Lima (2021, p.10):

Na semana que antecede as manifestações previstas para o 7 de setembro, evangélicos e caminhoneiros intensificaram a convocação para os atos favoráveis ao presidente Jair Bolsonaro. Relatório da consulta AP Exata mostra que esses grupos chegaram, respectivamente, a 16,7% e 10,5% das menções relacionadas ao evento no Twitter. É o maior patamar entre outras duas mobilizações recentes do governo. [...] O relatório sustenta que a mobilização dos caminhoneiros para o próximo dia 7 teve um incremento a partir do episódio do cantor Sergio Reis, mas a categoria permanece dividida. Lideranças da categoria negaram a greve em agosto, quando o caso veio a tona. Já o debate entre evangélicos cresceu a partir de um “movimento coordenado de pastores, sobretudo neopentecostais, que tem conclamado os fiéis a participarem dos protestos”, aponta levantamento. Um de seus expoentes, o pastor Silas Malafaia, está entre os escalados para discursar em carros de som na manifestação pró-bolsonaro.

As notícias falsas emergiam de diversos grupos nas redes sociais, bem como de blogueiros e youtubers, que criticavam medidas de combate à pandemia, oponentes de Bolsonaro e enalteciam a imagem do ex-presidente na época. No entanto, todas essas notícias falsas tinham uma origem comum: o chamado "gabinete do ódio". Durante a pandemia de Covid-19, o gabinete do ódio desempenhou um papel prejudicial ao disseminar desinformação e promover o ódio contra aqueles que buscavam adotar precauções mínimas, como o uso de máscaras e o isolamento social.

Para divulgar a narrativa negacionista liderada pelo presidente Bolsonaro, o relatório afirma que a organização utilizou uma profusão de canais, páginas e perfis em redes sociais e plataformas como o YouTube, para “direcionar a opinião pública, não apenas em relação às medidas de combate à pandemia, mas também em relação a outros aspectos, a fim de fortalecer sua base de apoio político e auferir ganhos financeiros”, diz o relatório. (OLIVEIRA, 2021)

A disseminação de notícias falsas representou instrumentos de desinformação que acompanharam Bolsonaro ao longo da corrida eleitoral até o último dia de seu governo. Essas notícias falsas desempenharam um papel crucial

no êxito das eleições e continuaram a ser uma ferramenta relevante em situações subsequentes. No dia do feriado de 7 de setembro, Bolsonaro restringe a remoção arbitrária de postagens contendo informações falsas nas redes sociais.

Na véspera dos atos de 7 de setembro, sua aposta para mobilizar a base mais fiel e demonstrar popularidade, o presidente Jair Bolsonaro fez ontem um aceno à militância digital e assinou medida provisória que limita as ações de redes sociais para coibir a propagação de informações falsas ou o discurso de ódio. A MP altera o Marco Civil da Internet, lei de 2014, e cria uma série de regras com o objetivo de evitar a “remoção arbitrária e imotivada” de conteúdo. Agora, plataformas como Youtube, Facebook ou Twitter terão mais dificuldades para excluir um perfil ou remover vídeos, mesmo que estas publicações violem políticas internas das empresas. Para especialistas, a medida limita a capacidade de moderação e facilita a desinformação. (O Estado de São Paulo, 142, n 46711, 7 setembro 2021. Política, p. 4)

O feriado de 7 de setembro foi celebrado com discursos radicais da direita e anticonstitucionais. Os pedidos de fechamento do Supremo Tribunal Federal estavam em todas as plataformas bolsonaristas ao ponto do ministro Fux realizar um discurso em defesa do órgão judiciário. Ao desafiar a Corte Máxima do País, Bolsonaro procurou intimidar o chefe do judiciário, Luiz Fux, e chamou de “canalha” o ministro Alexandre de Moraes (O Estado de São Paulo, 2021, p. 4). Em resposta, Luiz Fux realiza um pronunciamento contra os ataques sofridos.

“Ninguém! Ninguém fechará esta Corte! Nós a manteremos de pé, com suor, perseverança e coragem. No exercício de seu papel, o Supremo Tribunal Federal não se cansará de pregar fidelidade à Constituição” — afirmou o presidente do STF. “O Supremo Tribunal Federal também não tolerará ameaças à autoridade de suas decisões. Se o desprezo às decisões judiciais ocorre por iniciativa do chefe de qualquer dos Poderes, essa atitude, além de representar um atentado à democracia, configura crime de responsabilidade a ser analisado pelo Congresso Nacional” — enfatizou. (Agência Senado, 2021)

O presidente do Supremo reafirma que o governo deveria se preocupar com outros assuntos como a pandemia de covid-19, desemprego, inflação e outros problemas que assolam o país. (Agência Senado, 2021).

### 3 300 do Brasil e os ataques ao STF

No dia 4 de março de 2016, a Força Tarefa da Operação Lava Jato invade o apartamento de Luiz Inácio Lula da Silva, no ABC paulista. O ato foi autorizado pelo ex-juiz Sérgio Moro referente à aceitação de propina da construtora OAS (FERNANDES,2019). Segundo a Força Tarefa, Lula teria recebido propina da construtora, na forma de uma reforma de um apartamento triplex no Guarujá, litoral paulista. Assim sendo, acusado de corrupção passiva e lavagem de dinheiro (FERNANDES,2019). Segundo Fernandes em sua coluna no Brasil de Fato (2019):

No dia 10 de maio do ano seguinte (2017), Lula presta depoimento pela primeira vez ao juiz de Curitiba. Durante a audiência, a defesa do ex-presidente apresenta provas de que o apartamento jamais teria sido de propriedade da família Lula da Silva, como explica o advogado Cristiano Zanin Martins[...]Após 10 meses de processo, no dia 12 de julho de 2017, Moro condena Lula a nove anos e seis meses de prisão em regime fechado. Uma sentença que, para advogado criminalista Fernando Hideo, careceu de critérios jurídicos bem definidos pela Constituição Federal e as leis brasileiras. “[Trata-se de] uma sentença que desconsidera todo o conjunto probatório da defesa e se filia meramente à palavra de um delator informal”. A decisão da primeira instância viria a ser confirmada pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) no dia 24 de janeiro de 2018, quando Lula era apontado por todas as pesquisas de intenção de voto como o favorito a ganhar as eleições presidenciais daquele ano.

Em outubro de 2019, com uma segunda análise do Supremo Tribunal Federal sobre o processo e prisão de Lula, a mídia começou a relatar a possibilidade de o ex-presidente ser libertado, gerando entusiasmo entre seus apoiadores e indignação entre seus oponentes. A perspectiva de Lula como potencial candidato nas eleições de 2022 alimentou um imaginário de incertezas e uma eventual radicalização da base bolsonarista. Na narrativa de Bolsonaro, Lula personifica todos os males que afligem o país. Para Bolsonaro, Lula é um ícone da esquerda radical comunista, sendo rotulado até mesmo como ladrão de nove dedos, comunista e ex-presidiário.

A possibilidade de o Supremo Tribunal Federal (STF) abrir caminho para a liberdade do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, anular a condenação no caso do triplex do Guarujá e restaurar a elegibilidade do petista elevou a temperatura política. Nos bastidores, dirigentes de vários partidos avaliam que um eventual retorno de Lula à corrida presidencial teria potencial para beneficiar seu principal antagonista, o presidente Jair Bolsonaro, e reforçar a polarização da última campanha, marcada por um discurso anti-PT. Dois julgamentos que serão retomados em breve trazem reflexos diretos na situação do petista. Em novembro, o Supremo concluirá a análise de ações sobre a execução antecipada de pena, que pode resultar na saída de Lula

da prisão. Para retomar o direito de se candidatar, o petista aposta as fichas em outro julgamento, que trata das acusações de que o ex-juiz da Lava Jato Sérgio Moro agiu com parcialidade ao condená-lo e depois assumir o cargo de ministro da Justiça no governo Bolsonaro. (O Estado de São Paulo, 140, n 46029, 26 outubro 2019. Política, p. 4)

Após 580 dias preso, Lula é solto em 2019 e sua base de apoio o incentiva a concorrer para as eleições de 2022. Após a votação, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu anular as condenações do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva no âmbito da Operação Lava Jato, uma vitória estratégica para disputar as eleições presidenciais de 2022 (OLIVEIRA, 2022). O posicionamento do Supremo Tribunal Federal em relação à decisão de libertação de Lula tornou-se uma das primeiras fontes de revolta entre os grupos bolsonaristas. Após esse episódio, por meio de comunidades nas redes sociais, emergiu um grupo militante reacionário denominado "300 do Brasil", liderado pela ex-ativista feminista Sara Gironmini, também conhecida como Sara Winter. Os 300 do Brasil representavam um grupo de extrema direita que promovia uma narrativa na qual o Supremo Tribunal Federal era retratado como uma instituição pública que prejudicava as ações do então presidente Bolsonaro, mesmo quando essas ações eram consideradas abusivas.

Jair Bolsonaro sofreu inúmeras derrotas judiciais no STF. Por exemplo, a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 6351, que pedia a inconstitucionalidade da medida provisória que fazia alterações na Lei de Acesso à Informação (LAI); Arguições de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPFs) 668, que impediu a veiculação da campanha publicitária contra o isolamento social; Medida Cautelar no Habeas Corpus 184.828, que suspendeu a expulsão de funcionários da Embaixada da Venezuela em Brasília; Mandado de Segurança 37.097, que barrou a nomeação de Alexandre Ramagem para a diretoria-geral da Polícia Federal; ADI 6341, que estabeleceu a competência concorrente de estados, Distrito Federal, municípios e União no combate à Covid-19. Em exame de tais julgados, observa-se que a Corte exerce sua função típica de controle de constitucionalidade, de modo a determinar a invalidação de atos que não estão em consonância com a Constituição, isto é, qualquer ato abusivo, não republicano ou contrário aos direitos fundamentais. O bolsonarismo ataca o STF com o argumento que a Corte impossibilita Jair Bolsonaro de exercer sua função, quando o que ocorre, na realidade, é o abuso e a supressão da materialização da Constituição Federal pelo presidente. (NETTO, 2021)

Financiados por doações online, o grupo possuía o hábito de filmar suas manifestações para alimentar suas redes sociais e realizar caminhadas em apoio a Bolsonaro (TEIXEIRA, 2020). Tais vídeos apresentavam uma estética militar como: membros enfileirados gritando o nome do grupo e roupas camufladas. A líder, Sara Winter, admitiu que parte dos indivíduos possuíam armas de fogo durante os atos,

para garantir a segurança do grupo (TEIXEIRA, 2020). Os membros do grupo 300 do Brasil estabeleceram um acampamento na Esplanada dos Ministérios, onde conduziram grande parte de suas manifestações teatrais, sendo a mais notável a marcha ocorrida em 30 de maio de 2020.

Após as eleições de 2018 foi aberto o inquérito das Fake News, onde a Polícia Federal (PF) realizou buscas e apreensões, autorizadas pelo ministro Alexandre de Moraes. Os alvos eram indivíduos que apoiavam o governo Bolsonaro. A lista de alvos dos mandados possuía alguns nomes de figuras conhecidas como: o ex-deputado Roberto Jefferson; o empresário Luciano Hang, dono da Havan; e os blogueiros Allan dos Santos e Winston Lima (G1,2020). O nome de Sara Winter constava na lista de investigados, desencadeando uma revolta no grupo 300 do Brasil. A ação da Polícia Federal e do Supremo Tribunal Federal em tentar combater notícias falsas nas redes sociais foi interpretada pela base bolsonarista como censura. Para os adeptos de Bolsonaro, bloquear informações falsas equivalia a uma forma de cercear a liberdade de expressão.

A marcha ocorrida em 30 de maio teve como cenário o Supremo Tribunal Federal, com os 300 do Brasil reunindo 30 pessoas para uma caminhada que envolvia tochas, máscaras e fogos de artifício. A estética dessa marcha foi associada, por internautas e jornalistas, a algo semelhante aos movimentos racistas da Ku Klux Klan. Segundo Tomazelli e Moura em seu texto para o Estadão:

O ato ocorre depois de Sara e empresários bolsonaristas terem sido alvo de mandado de busca e apreensão no âmbito da investigação que apura ameaças, ofensas e fake news contra ministros da Corte e seus familiares. "Viemos cobrar, viemos cobrar, o STF não vai nos calar", "careca, togado, Alexandre descarado", "ministro covarde, queremos liberdade" e "inconstitucional, Alexandre imoral" foram alguns dos gritos de ordem entoados pelo grupo, segundo vídeos divulgados nas redes sociais dos próprios integrantes da manifestação. Integrantes do STF ouvidos reservadamente pelo Estadão/Broadcast apontaram semelhanças entre o protesto de Sara Winter a manifestação de neonazistas e membros da Ku Klux Klan que ocorreu em 2017 na cidade de Charlottesville, nos Estados Unidos. A 'KKK' é organização racista dos Estados Unidos que prega a supremacia branca e já praticou inúmeros atos violentos contra negros.

A marcha resultou em uma segunda manifestação com a presença de civis usando bandeiras do Brasil e a presença do próprio Bolsonaro. Os bolsonaristas erguiam placas ofendendo Alexandre de Moraes, o STF e pedindo intervenção militar. "Placas afirmavam: "Supremo é o povo" e "Abaixo a ditadura do STF". Faixas

faziam ataques ao Supremo e pediam intervenção militar. Congressistas foram chamados de corruptos” (RESENDE; FERNANDES; GIELOW, 2020). Bolsonaro sobrevoou a Esplanada e o Palácio do Planalto acenando para os manifestantes e, em seguida, desceu e andou a cavalo junto com a polícia militar em frente aos seus apoiadores (RESENDE; FERNANDES; GIELOW, 2020). Mesmo com o país sofrendo com a pandemia da Covid 19, todo o ato foi realizado sem qualquer uso de máscara. Para os bolsonaristas, a luta pela liberdade de expressão e o direito de espalhar notícias falsas era mais importante do que o combate a covid. Manifestantes demonstraram ainda apoio aos ministros Augusto Heleno e Abraham Weintraub. “Fake News não é crime”, dizia uma faixa. (RESENDE; FERNANDES; GIELOW, 2020).

No mês subsequente, o grupo promoveu um evento que pode ser descrito como um ataque ao Supremo Tribunal Federal, utilizando fogos de artifício nas imediações do prédio. Na Praça dos Três Poderes, integrantes do grupo lançaram fogos em direção ao STF, registrando a ação em vídeo enquanto proferiam ofensas direcionadas ao órgão judiciário e seus membros. Essa ação provocou repúdio por parte dos ministros do Supremo e de parlamentares.

Seis apoiadores do presidente Jair Bolsonaro foram alvos ontem de mandados de prisão temporária expedidos pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes no inquérito que apura a organização de atos antidemocráticos. Uma das presas é Sara Fernanda Giromini, de 27 anos, que se identifica como Sara Winter. Depois que a PF cumpriu 29 mandados de busca e apreensão em endereços ligados a seguidores de Bolsonaro, há duas semanas, no inquérito das fake News, esta foi a ação mais contundente contra um grupo de seguidores do presidente. Todos os mandados de prisão foram direcionados a líderes do movimento 300 pelo Brasil, que, após ter o acampamento desmontado pelo governo do Distrito Federal, no sábado, disparou fogos de artifício na direção do STF, na Praça dos Três Poderes. O ataque foi repudiado pelos ministros do Supremo, ex-presidentes da República e outras autoridades do país. Apesar disso, os mandados de prisão haviam sido pedidos no dia anterior pelo vice-procurador-geral da República Humberto Jacques de Medeiros. (O Estado de São Paulo, 141, n 46263, 16 junho 2020. Política, p.5)

Com o desmonte no acampamento e os mandados de prisão, membros do grupo 300 do Brasil realizam uma tentativa de invasão no Congresso. Um grupo de 20 pessoas do movimento invadiu a parte de cima da cúpula do Congresso, pelo lado do Senado Federal, onde é proibido o acesso ao público (WETERMAN, SAMPAIO,2020). Mesmo o grupo possuindo membros portadores de armas,



realizando discursos antidemocráticos, defendendo a liberdade de espalhar notícias falsas, a ação das autoridades foi a mais pacífica possível. O grupo ficou na cúpula por 30 minutos. Depois, junto com outras 30 pessoas ocuparam o gramado em frente ao espelho d'água do Congresso (WETERMAN, SAMPAIO, 2020).

Posteriormente ao incidente, o grupo 300 do Brasil foi desarticulado, no entanto, seus membros, mantendo o apoio ao governo Bolsonaro, se dispersaram para outros grupos ou movimentos que compartilhavam da mesma afinidade política.

### **3.1 Acampamentos bolsonaristas**

A campanha eleitoral de 2022, na qual Luiz Inácio Lula da Silva participou de sua quinta disputa presidencial e da segunda tentativa de reeleição, concorrendo contra a primeira reeleição do presidente Jair Messias Bolsonaro, foi caracterizada, desde o início até o final, por um clima exacerbado de polarização<sup>5</sup>. Este fenômeno, de fato, teve origens na época da disputa entre PT e PSDB. Em 2006, o ex-líder sindical Luís Inácio da Silva confrontou, no segundo turno, o ex-governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, que deteve por mais tempo o cargo principal no Palácio do Governo no Morumbi (COELHO; PINTO; NUNEZ, 2023).

No cenário do primeiro turno das eleições, foi evidenciada uma distinta disparidade no respaldo eleitoral concedido aos principais concorrentes, Lula e Jair Bolsonaro. Lula liderou a competição presidencial, angariando expressivos 48% dos votos, enquanto Bolsonaro ocupou a segunda posição, conquistando 43% dos votos. Essa disparidade nas preferências eleitorais persistiu, mesmo diante das acusações de corrupção e da propagação de notícias falsas que pairavam sobre a candidatura de Lula. Importante salientar que a região nordeste do Brasil destacou-se como um reduto significativo de apoio a Lula, onde sua influência política ainda se mostrava preponderante, evidenciando a complexidade das dinâmicas eleitorais e a duradoura atratividade do político entre os eleitores dessa parte do país. Como desdobramento do resultado das votações, emergiu a xenofobia contra a população nordestina,

---

<sup>5</sup> Tal polarização cresceu com força durante o processo de impeachment da ex-presidente Dilma em 2016. Esse evento alimentou sentimentos de desconfiança nas instituições democráticas e fortaleceu a ascensão de líderes políticos com discursos anti-establishment e de direita. Contribuindo para a polarização ideológica e o fortalecimento do conservadorismo no Brasil. Abrindo caminho e favorecendo a imagem de indivíduos como Bolsonaro e sua família.

evidenciando a persistência desse fenômeno na sociedade brasileira. Segundo Moniz (2022):

Os mais atacados são os eleitores do Piauí, onde Lula conquistou 74,02% dos votos; da Bahia, onde 69,7% dos eleitores votaram no petista - é de lá o município mais lulista do Brasil: Wanderley, onde Lula teve 96,61% dos votos. Mas tem ódio de sobra para moradores de todos os estados da região. Assim que foi confirmado que haveria segundo turno entre Lula e o Bolsonaro, começaram os ataques xenofóbicos, cheios de ódio e hostilidade. Um ex-jogador do Ceará chegou a pedir que apoiadores de Bolsonaro atropelassem pobres, que, segundo ele, deu essa enormidade de votos a Lula. O petista teve 48,4% dos votos em todo o país, o que equivale a 57.259.504 votos. Bolsonaro ficou em segundo lugar com 43,2% dos votos (51.072.345). Em Dourados, a 250 km de Campo Grande, o promotor de Justiça investiga um personal trainer que se autodenomina Vinícius FBS nas redes sociais, que postou: "É Nordeste, você ainda vai comer muita farinha com água pra não morrer de fome". Ele também postou: "O Nordeste merece voltar a carregar água em balde mesmo. Aí depois vem esse bando de 'cabeça redonda de bagre' procurar emprego nas cidades grande (sic)". Pastor bolsonarista em uma cidade aonde o número pessoas com "sangue do Nordeste" chega a próximo de 80% da população, segundo Centro de Tradições Nordestinas (CTN), Jeosafa Brito provocou ira na internet ao compartilhar postagem preconceituosa, após o resultado do 1º turno. "O Nordeste merece voltar a carregar água em balde mesmo", diz o post da página Leno Motoboy, compartilhada por Jeosafa no Facebook. O pastor, que congrega na Igreja Assembleia de Deus Nova Aliança de Coxim, apagou a postagem, mas não antes de outros coxinenses printarem, segundo o jornal Campo Grande News.

Nova (2022) em seu texto para o Estadão no bloco Eleições informa:

A menos de uma semana para o segundo turno das eleições de 2022, ainda é incerto quem ganhará a votação para presidente da República. Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL) disputam uma corrida eleitoral acirrada, onde cada voto é disputado. As últimas pesquisas de intenção de voto indicam o favoritismo do petista, que se encontra na frente nos principais levantamentos do Brasil. O atual presidente, no entanto, ainda se mostra competitivo e a distância entre os dois candidatos nunca foi tão pequena. No primeiro turno, o petista recebeu 48,43% dos votos válidos, enquanto Bolsonaro obteve 43,20%. O agregador de pesquisas do Estadão, que compila os resultados dos principais levantamentos do País, indica uma vitória de Lula. O ex-presidente conta com 52% dos votos válidos ante 48% do atual presidente. Apesar de grande parte das pesquisas ter acertado o percentual de Lula na primeira parte do pleito, a votação de Jair Bolsonaro foi subestimada e o candidato à reeleição acabou com uma porcentagem bem maior do que o apresentado nos levantamentos.

Para além das agressões animais e preconceituosas direcionadas aos nordestinos nas plataformas de mídia social, adeptos da base bolsonarista exploraram suas posições profissionais para interferir na mobilidade de eleitores que planejavam votar em Lula no segundo turno. Nesse contexto, destacou-se o ex-

ministro da Justiça, Anderson Torres, que tentou utilizar sua posição de autoridade para obstruir o acesso dos eleitores às urnas. De acordo com Nogueira (2023) em seu texto na coluna online do Estado de Minas:

O ex-ministro da Justiça de Jair Bolsonaro (PL), Anderson Torres, tinha em mãos um “boletim de inteligência” que continha os locais em que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi mais votado no primeiro turno. [...] Segundo a coluna, o documento descoberto recentemente pela Polícia Federal (PF) foi produzido pela então diretora de Inteligência do Ministério da Justiça, Marília Alencar, que posteriormente foi trabalhar com Anderson Torres na Secretaria de Segurança do Distrito Federal[...]Os investigadores observam que o material serviu para que Anderson Torres colocasse em curso uma operação que atrapalhasse a chegada dos eleitores aos locais de votação. Marília tentou apagar o documento do seu celular, mas o material foi recuperado pela PF.(NOGUEIRA, 2023)

Na ocasião, Torres pediu pessoalmente à superintendência da PF da Bahia que atuasse em conjunto com a Polícia Rodoviária Federal (PRF), que, como é praxe, deveria fazer a fiscalização comum de rodovias (SADI; MARTINS, 2023). Mas, segundo investigadores ouvidos pelo blog, estava pautada para interromper o fluxo de eleitores na região a fim de prejudicar a eleição do petista Luiz Inácio Lula da Silva (SADI; MARTINS, 2023). A tentativa do ex-ministro de dificultar a locomoção de eleitores em regiões pró-Lula representa uma ação antidemocrática. Tais medidas, que visam suprimir o exercício do voto, prejudicam a integridade do processo eleitoral e minam os princípios fundamentais da democracia, como a representatividade e a liberdade de escolha. Isso ressalta a importância de garantir um ambiente eleitoral equitativo e transparente para preservar a saúde do sistema democrático.

No segundo turno, com uma diferença de 2 milhões de votos, Lula ganha as eleições com 50,90% dos votos. Assumindo pela terceira vez o manto de presidente da república. O resultado das eleições não agradou a base bolsonarista, resultando em uma série de protestos em estradas e praças públicas pedindo intervenção federal. “Ao menos 13 rodovias do Rio Grande do Sul registraram protestos após a confirmação da vitória de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) sobre Jair Bolsonaro (PL) neste domingo (30) e no início da madrugada de segunda-feira (31).” (G1,2022). Ao som do hino nacional, bandeiras, faixas do Brasil e gritos pedindo intervenção federal, aproximadamente mil pessoas se reuniram em Uberaba para protestar contra os resultados das eleições presidenciais. (Correio Brasiliense, 2022). Tais

manifestações cresceram e se organizaram ao nível de existirem os famosos acampamentos bolsonaristas.

Inconformados com os desdobramentos das eleições de 2022, a base bolsonarista e seus apoiadores promoveram, em diversas regiões do país, acampamentos bolsonaristas em frente a quartéis e praças públicas. Esses acampamentos consistiam em congregações onde indivíduos que discordavam dos resultados eleitorais se reuniam para compartilhar informações, elaborar teorias sobre as razões pelas quais Bolsonaro não saiu vitorioso nas eleições, entoar o hino da independência e articular uma tentativa de retomada do controle do país.

Quartel General do Distrito Federal. São pessoas vindas de longe, de vários estados do país. Homens, mulheres, idosos, que deixaram suas famílias e seus trabalhos para trás em busca de uma resposta das Forças Armadas. Muitos deles ou dos manifestantes que visitam o local com frequência garantem que ainda vão continuar ali, até que consigam reverter o resultado oficial da eleição. O zootecnista André Krappi, que veio de Sorriso(MT), dirigiu 1500 quilômetros na última semana em direção a Brasília. “Vimos para ajudar na luta pela democracia no nosso país. Que o povo acorde ainda mais. O povo que está aqui já acordou, mas tem muita gente que ainda não está vendo o que está acontecendo, que é a falta de democracia.” André deixou a família em Mato Grosso e veio na companhia de dois amigos. Já a pecuarista Patiane Coutinho, trouxe marido, filho e os pais. Há duas semanas ela embarcou num ônibus rumo a Brasília. Deixou o trabalho, casa e conforto em Paragominas, no Pará. Foram 1800 quilômetros de estrada com uma criança de dois anos no colo e um casal de idosos. Sem data para voltar, ela conta como tem sido a rotina no acampamento do QG: “Montamos barracas para ficar com as barraquinhas embaixo, tem cozinha, banheiro químico. Tem pessoas que passam e abastecem a caixa d’água todo dia, é parecido com um banheiro de fazenda mesmo, é basicamente isso.” (LIVIA BRAZ, 2022)

Nos acampamentos, fomentados por grupos de Whatsapp e Telegram, bolsonaristas reproduziam e compartilhavam notícias falsas. Segundo os bolsonaristas golpistas que acampam em Brasília, Lula estaria no Egito e teria sido substituídos por um sócia que, ao contrário do presidente, teria os cinco dedos na mão esquerda. (FERNANDES, 2023). Alvo das principais fake news bolsonaristas, o ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes foi acusado pelos golpistas de participar de um grupo que tinha um projeto de destruição do Brasil. (FERNANDES, 2023). Os jornalistas também relataram que uma das teorias conspiratórias que circulavam nos acampamentos era a de que o exército americano iria interferir nas eleições brasileiras a mando de Donald Trump, ex-presidente do Estados Unidos. (FERNANDES, 2023). Além do compartilhamento em massa de

desinformação, os acampamentos bolsonaristas foram palco para situações que viraram motivo de chacota nas redes sociais.

Um vídeo publicado neste domingo (20) pelo fotógrafo Marcelo Nunes, em Porto Alegre, vem ganhando repercussão nas redes sociais. Nele, apoiadores de Jair Bolsonaro fazem uma espécie de ritual com luzes e pedem "olhe pra nós, general". Eles estavam dispostos em um círculo, com os celulares ligados. As telas foram voltadas para o céu, enquanto os participantes faziam uma de sinalização. "Pessoal, fui dar um rolê de bike como faço sempre. Filmei essa pérola dos golpistas pedindo ajuda extraterrestre com celular na cabeça, fazendo sinais de luz e pedindo ajuda do 'general', afirmou Nunes em postagem no Facebook. O grupo estava no Centro Histórico da Capital, no entorno do Comando Militar do Sul. A área tem sido local de mobilização desde o resultado das eleições presidenciais, inclusive com bloqueio de vias. Candidato à reeleição, Bolsonaro perdeu o pleito para Luiz Inácio Lula da Silva. Nas redes sociais, há quem acredite que a intenção era fazer contato com extraterrestres. (REDAÇÃO G1, 2022)

A dedicação e fervor dos apoiadores de Jair Bolsonaro acarretaram perdas materiais e familiares significativas, uma vez que alguns indivíduos se entregaram de forma tão intensa à causa que suas vidas profissionais e pessoais foram impactadas de maneira adversa. Mais de 20 dias acampados, bolsonaristas comentam em postagens nas redes de Bolsonaro que perderam emprego, casa, carro e até mesmo pediram dinheiro emprestado para continuar nas ruas com o movimento (CARONE, PINHEIRO, 2022). Amizades foram desfeitas, pessoas se encontram desoladas sem ter um lugar para voltar, contudo o combate ao comunismo é mais importante, mesmo tendo que fazer suas necessidades nas ruas (CARONE, PINHEIRO, 2022).

Conforme a data de posse se aproximava, um aumento notável na intensidade do discurso e nas atividades do movimento bolsonarista se tornava evidente. Os protestos conduzidos nos acampamentos, inicialmente concebidos como formas de expressão política, não lograram atingir os resultados almejados, como a recontagem das urnas, a reeleição de Bolsonaro, o fechamento do STF, entre outras demandas que são consideradas inconstitucionais.

Em resposta a esse cenário, verificou-se uma intensificação nas estratégias adotadas, resultando em um aumento da violência e na propagação de desinformação. Em dezembro de 2022, dois indivíduos alinhados ao movimento bolsonarista tentaram detonar um artefato explosivo nas proximidades do aeroporto de Brasília. O explosivo foi colocado sob um caminhão com o intuito de causar

alarme na população e demonstrar que o movimento bolsonarista estava disposto a empreender ações radicais em prol de seus interesses.

O Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT) recebeu a denúncia do plano de explodir o caminhão-tanque onde os acusados George Washington de Oliveira Sousa, Alan Diego dos Santos e Wellington Macedo de Souza eram os responsáveis pela execução do plano (CORREIO BRAZILIENSE,2023).

— Ele confessou que realmente tinha intenção de fazer um crime lá no aeroporto, que seria destruir um poste, uma coisa nesse sentido, para causar o caos, né. O objetivo dele era chamar a atenção justamente para o movimento que eles estão empenhados — explicou o delegado, em conversa com jornalistas na noite de sábado. (O GLOBO, 2022)

A explosão teria sido planejada junto com apoiadores do acampamento em frente ao QG do Exército (CORREIO BRAZILIENSE,2023). Essa conjuntura política agressiva desencadeou uma escalada de tensões, chegando a um ponto em que houve uma tentativa de subverter o processo democrático, caracterizada por um movimento que buscava, de maneira direta e inconstitucional, impedir a posse e governo do futuro presidente eleito. Este episódio, marcado por uma incitação ao golpe, representa com todas as cores o radicalismo que Bolsonaro fomentou nos corações dos indivíduos que o apoiaram.

### **3.2. Os ataques de 8 de janeiro e tentativa de golpe**

Em 8 de janeiro de 2023, durante a tarde, contingentes de apoiadores de Bolsonaro, acompanhados por simpatizantes que haviam ocupado acampamentos por semanas, imbuídos de discursos extremistas e informações falsas, promoveram uma mobilização em direção à emblemática Esplanada dos Ministérios, alegando buscar justiça e a salvação da nação. A notável capacidade desse movimento para se deslocar e invadir essas áreas do poder político foi, em parte, favorecida pela aparente inação das forças militares. Para Galzo (2023) em seu texto para o Estadão:

Mesmo com a crise instalada na Praça dos Três Poderes, a Política Militar do Distrito Federal continua permitindo que manifestantes transitem livremente pela área, sem nenhum tipo de restrição. Após extremistas furarem o bloqueio invadirem o Congresso Nacional, o Supremo Tribunal

Federal e o Palácio do Planalto, parte dos policiais abandonaram as barreiras e compraram água de coco em frente à Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida.

O desenrolar dos eventos resultou na invasão, seguida por um rastro de destruição evidenciado nos edifícios do Congresso Nacional, Palácio do Planalto e Supremo Tribunal Federal (STF). Esse incidente ressaltou a vulnerabilidade das instituições democráticas e sublinhou a importância de preservar a integridade desses espaços simbólicos, os quais representam os pilares do poder e da democracia no país.

Bolsonaristas radicais marcharam ontem à tarde pela Esplanada dos Ministérios, invadiram as sedes dos três Poderes da República e deixaram um rastro de destruição pelos principais edifícios de Brasília. Sem atuação ostensiva da Polícia Militar, vândalos pediram intervenção militar e prisão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que, em reação, decretou intervenção federal na segurança pública do Distrito Federal. A mobilização, uma semana após a posse de Lula, começou por volta das 14 horas e tinha por objetivo levar o caos para uma tomada de poder. Perto das 15 horas, o grupo desceu pelo Eixo Monumental, furou, sem resistência, o bloqueio da PM e ocupou o gramado, rampas, acessos e teto do Congresso. Houve a primeira invasão, com cenas de vandalismo no Senado e na Câmara. (O Estado de São Paulo, 144, n 47200, 9 janeiro 2023. Política, p. 6)

O acontecimento foi amplamente coberto pelos principais veículos de comunicação e pelas redes sociais dos próprios indivíduos envolvidos no episódio. A aparente facilidade com que os apoiadores de Bolsonaro conseguiram invadir as instalações oficiais deveu-se, em parte, à falta de ação das autoridades de segurança, que, pareceram permitir a invasão ao não agirem prontamente. Além disso, a ocupação de posições de autoridade por simpatizantes do movimento golpista contribuiu para a facilitação da invasão, já que indivíduos com afinidades ideológicas ocupavam postos-chave, incluindo posições de força policial. “Mais de 20 depoimentos de golpistas presos em flagrante contam a mesma história de J.C.P.: os militares protegeram os bolsonaristas dentro do Palácio do Planalto durante a invasão golpista.” (CASTRO, 2023).

As ações destrutivas promovidas pelos seguidores de Bolsonaro foram objeto de comparações com o incidente ocorrido em 6 de janeiro de 2021 nos Estados Unidos, quando os apoiadores do ex-presidente Donald Trump invadiram o Capitólio como resposta ao resultado das eleições presidenciais. Após a derrota nas eleições de 2020, as redes sociais frequentadas por apoiadores de Trump tornaram-se veículos para a disseminação de informações falsas e teorias conspiratórias,

alegando que as eleições haviam sido fraudulentas. A revolta e a mobilização dos apoiadores de Trump foram fomentadas ao longo de meses, em parte devido a pronunciamentos e entrevistas concedidas pelo próprio ex-presidente. Pouco antes, ao abrir a primeira audiência pública, o presidente democrata da comissão, Bernie Thompson, acusou Trump de estar “no centro da conspiração” (RFI, 2022). Os invasores do Capitólio, que combateram os policiais durante horas, agiram motivados pelo que Trump havia dito para eles: que a eleição havia sido roubada e ele era o presidente legítimo, declarou (RFI, 2022).

Jair Bolsonaro, à semelhança de muitos adeptos da ala reacionária da extrema-direita, manifesta profunda admiração pela cultura norte-americana. Essa admiração, aliada ao alinhamento ideológico, resultou em uma notável relação de afinidade entre essas duas figuras públicas, a ponto de Bolsonaro ser apelidado de 'Trump Tropical' durante sua campanha de reeleição. Isso se deveu, em parte, à sua tentativa de imitar muitas das ações de Trump. Trump disse que ainda que o Bolsonaro é sua “versão tropical”. O republicano é, assim como ex-capitão, conhecido por contestar a validade dos resultados eleitorais (XAVIER,2022).

Trump perde as eleições, fomenta paranoia e espalha conspirações resultando em um episódio de total falta de comprometimento com a democracia e constituição de seu país. Bolsonaro perde as eleições, fomenta paranoia e espalha conspirações resultando em um episódio de total falta de comprometimento com a democracia e constituição de seu país.

### **3.3 As consequências do ato golpista**

Após os eventos antidemocráticos ocorridos em 8 de janeiro, houve relatos amplamente divulgados pelos principais veículos de comunicação sobre a desmontagem dos acampamentos que estavam dispersos em diferentes regiões do país (BBC NEWS, 2023). As acessórias de imprensa e secretária de segurança do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Paraná, e Mato Grosso do Sul foram as primeiras a se manifestarem informando a total remoção dos acampamentos que apoiavam Bolsonaro (BBC NEWS, 2023).

A ordem de desmobilização foi emitida pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes, estabelecendo que indivíduos que estiveram presentes em acampamentos em Brasília e em outras regiões do país, e envolvidos



nas ações antidemocráticas que ocorreram no dia 8 de janeiro seriam detidos (MALCHER,2023).

“Determino a desocupação e dissolução total, em 24 (vinte e quatro) horas, dos acampamentos realizados nas imediações dos Quartéis Gerais e outras unidades militares para a prática de atos antidemocráticos e prisão em flagrante de seus participantes pela prática dos crimes previstos nos artigos 2<sup>a</sup>, 3<sup>o</sup>, 5<sup>o</sup> e 6<sup>o</sup> (atos terroristas, inclusive preparatórios) da Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016 e nos artigos 288 (associação criminosa), 359-L (abolição violenta do Estado Democrático de Direito) e 359-M (golpe de Estado), 147 (ameaça), 147-A, § 1<sup>o</sup>, III (perseguição), 286 (incitação ao crime)”, diz a decisão. (CORREIO BRAZILIENSE, 2023)

Na prática, apenas aqueles que estiveram na tentativa do golpe em Brasília foram presos, cerca de mil e quinhentas pessoas. Nas demais regiões, as forças policiais adotaram uma postura mais pacífica, convidando os manifestantes a se retirarem (TV CULTURA, 2023). A decisão da polícia em contrariar as ordens do Ministro Alexandre de Moraes, segundo José Vicente da Silva Filho, ex-secretário nacional de segurança pública:

“A decisão do ministro ela é genérica e as polícias dos locais e das ruas trabalham com os fatos. Os fatos específicos dos locais. Pessoas que estão em situação pacífica nas ruas, quando são convidadas ou solicitadas ou determinadas a sair dos locais e saem pacificamente, não há motivo para prisões. Em muitos casos, nós temos centenas de pessoas, existem familiares, idosos, crianças etc. A polícia está habituada a fazer esse tipo de ação de desarticular grupos que estão em locais indevidos e ao fazer as pessoas saindo e obedecendo, não haveria motivo para prisões” (TV CULTURA, 2023).

No dia 9 de janeiro, os manifestantes que foram detidos durante os eventos ocorridos anteriormente foram conduzidos à superintendência da Polícia Federal do Distrito Federal, onde se iniciou um procedimento de coleta de dados e informações, bem como uma triagem preliminar. (UOL, 2023). Conforme o processo de cada sujeito detido corria na justiça, os manifestantes presos tinham o direito a duas horas de banho de sol e quatro refeições diárias (CORREIO BRAZILIENSE, 2023). Conforme os resultados de uma pesquisa conduzida pela Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (Seape) verifica-se que somente 7% dos indivíduos detidos no sistema carcerário correspondem a moradores de Brasília (CORREIO BRAZILIENSE, 2023). Além da concessão do período de banho de sol e o fornecimento de quatro refeições diárias, os bolsonaristas documentavam sua experiência e tempo na prisão por meio de gravações em seus celulares, com o

intuito de compartilhar esses registros em suas redes sociais. Eles retratavam a rotina na prisão sob a narrativa de terem sido supostamente abandonados pelas autoridades públicas competentes. Esse episódio chegou a ser comparado, pelos próprios detidos, com a metáfora de um campo de concentração.

O Museu do Holocausto de Curitiba avaliou como desrespeitosa e desonesta "ética e historicamente" as comparações entre o ginásio da Academia Nacional da Polícia Federal, onde golpistas bolsonaristas foram detidos, com campos de concentração nazistas utilizados para o extermínio da população judaica. As comparações, junto a uma série de outras informações falsas sobre as detenções de suspeitos, foram espalhadas em redes sociais bolsonaristas depois de prisões de participantes dos ataques terroristas nas sedes dos Três Poderes em Brasília, no domingo (8) (G1, 2023).

No imaginário bolsonarista, a prisão subsequente a uma tentativa de golpe de Estado é interpretada como uma evidência de corrupção generalizada no novo governo e nas instituições de poder. Essa narrativa bolsonarista retrata os adeptos do movimento como vítimas, promovendo um sentimento de indignação direcionado contra aqueles percebidos como opressores, como: o ministro Alexandre de Moraes, o Supremo Tribunal Federal e indivíduos que demonstraram apoio a Lula nas eleições. Esse sentimento de perda, que é genuíno, é manipulado na política fascista, transformado em vitimização e ressentimento e explorado para justificar formas de opressão passadas, atuais ou novas (STANLEY, 2019, p. 102).

Diante da percepção de que não se materializaria uma nova tentativa de conquistar o poder e que Jair Messias Bolsonaro não tomaria medidas decisivas, a base de apoio bolsonarista iniciou um processo de desengajamento. Esse processo se refletiu na alteração das imagens de perfil em plataformas de redes sociais, na deserção de grupos de afinidade e no esforço para se desvincular do movimento. Alguns apoiadores, frente ao agravamento da situação, passaram a abandonar o barco que já estava afundado.

A reportagem do Estadão acompanhou a troca frenética de mensagens em dois grupos no WhatsApp, um deles restrito – e em 15 no Telegram. “Que mistura de sentimentos. Eu sinto raiva, tristeza, decepção. É como estar em luto e não saber quando irá terminar. Sinto muito pelas pessoas de bem que lá estão (presas) e as pessoas de mal soltas por aí”, afirmou uma integrante do grupo Peladeiros 1. Há também relatos de desilusão: “Exército nos abandonando mais uma vez”. O grupo, que é fechado, já se chamou Resistência Joinville. Após a prisão dos extremistas em Brasília, dezenas deles mudaram de nome, mensagens foram apagadas e membros debandaram. “Estamos à beira da loucura. Estramos na era do medo”, disse

uma usuária do Peladeiros 1, grupo especialmente afetado pela ação policial: o organizador e administrador, o influenciador bolsonarista Eduardo Gadotti Murara, de Joinville (SC), foi detido e está preso em Brasília (O Estado de São Paulo, 144, n 47205, 14 janeiro 2023. Política, p. 16)

O Processo de coleta de informações e triagem com os bolsonaristas detidos foi fundamental para a devida apuração dos acontecimentos, comumente realizado em conformidade com os protocolos legais, como parte do sistema de justiça e da aplicação da lei. Em virtude da coleta de informações, entrevistas e da busca por justiça em prol da defesa da Constituição e das instituições públicas, principalmente o Supremo Tribunal Federal que foi atacado desde começo do governo Bolsonaro, teve início o processo de estabelecimento da CPI do Golpe ou CPI dos Atos Golpistas. Comissão atribuiu quatro crimes ao ex-presidente, entre eles, tentativa de golpe de Estado. Parecer, aprovado por 20 votos a 11, também destaca envolvimento de militares e deverá ser enviado na próxima semana à PGR (LIMA; RODRIGUES; CASSELA, 2023).

## Considerações finais

A população do mundo ocidental, nos primórdios do século XX, foi espectadora do surgimento de uma ideologia/movimento político denominado fascismo. Este movimento buscava estabelecer uma imagem de um estado robusto e inabalável, no qual o poder se concentrava em uma figura carismática e poderosa, alguém que detinha (ou simulava deter) todos os meios necessários para resolver os problemas políticos, econômicos e sociais de uma nação.

Para que as raízes do fascismo prosperem, é essencial uma terra marcada pela instabilidade financeira, política e social. Esse cenário se manifestou na Europa durante o período entre guerras, compreendido entre o término da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) e o início da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). Esse intervalo histórico ficou marcado pela crise liberal, em que as nações enfrentaram sérias dificuldades econômicas, exemplificadas pela Grande Depressão, que resultou em taxas elevadas de desemprego, falências empresariais e pobreza generalizada.

Com o terreno propício, em decorrência das crises, movimentos políticos tanto de orientação de esquerda quanto de direita começam a emergir e consolidar sua influência em todo o continente. A retórica da direita incorpora elementos do nazismo e do fascismo, ideologias inerentemente autoritárias e totalitárias. Na Alemanha, surge Adolf Hitler (1889 – 1945), na Itália, Benito Mussolini (1883 – 1945), e no Brasil, inspirado pelo fascismo de Mussolini, Plínio Salgado (1895 – 1975).

Após a Segunda Guerra Mundial, o pensamento neofascista foi relegado à marginalidade, permanecendo nas sombras por décadas, alimentado por grupos de skinheads de direita e seus simpatizantes. No contexto brasileiro, o neofascismo ressurgiu com vigor na sociedade durante as eleições presidenciais de 2018. De maneira análoga à manifestação do fascismo na Europa, o neofascismo no Brasil experimentou um crescimento e disseminação notáveis como uma ramificação do cenário caótico desencadeado pelo processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff.

O caos decorrente do impeachment abriu espaço para a ascensão do parlamentar Jair Messias Bolsonaro. Posicionando-se na extrema direita do espectro político, Bolsonaro adotou uma narrativa messiânica, atraindo autoritários,

conservadores, reacionários, religiosos radicais e simpatizantes do neofascismo ao apresentar-se como a suposta "solução" para os problemas do país.

Jair Messias Bolsonaro, um parlamentar com mais de duas décadas de experiência como deputado federal pelo Rio de Janeiro, emergiu vitorioso nas eleições de 2018, ascendendo à posição de 38º presidente do Brasil. Sua campanha eleitoral foi permeada por uma narrativa multifacetada, caracterizada por elementos anticomunistas, disseminação de notícias falsas sobre seus oponentes, posturas reacionárias, autoritárias, e um apelo à religiosidade (embora tenha angariado simpatizantes tanto no catolicismo quanto no meio evangélico) e ao nacionalismo.

Ao longo de seu mandato, Bolsonaro realizou ações controversas e comprometedoras, destacando-se a promoção da glorificação da ditadura e a adoção de medidas antidemocráticas. Além disso, desempenhou um papel central em decisões que suscitaram críticas durante a gestão da pandemia de Covid-19, gerando conflitos entre os poderes Executivo e Judiciário. No terceiro ano de seu governo, em 2021, Bolsonaro e seus seguidores intensificaram discursos antidemocráticos, violando a constituição, dirigindo ataques diretos e indiretos ao Supremo Tribunal Federal e instigando a intervenção militar por meio de manifestações, veículos de comunicação e plataformas online. Essas ações atingiram um ponto culminante em frequência e radicalismo à medida que se aproximava do feriado de 7 de setembro do mesmo ano.

Durante seu mandato presidencial de 2018 a 2022, o governo de Bolsonaro foi objeto de considerável atenção, devido ao seu comportamento que se encaixa em características associadas à extrema direita. Identificado como um líder político reacionário, religiosamente radical e conservador, diversas análises acadêmicas identificaram a presença de elementos que evocavam características historicamente associadas a movimentos e governos fascistas do passado.

Os mandatos presidenciais de Bolsonaro e suas ações no governo foram alvo de análises críticas que destacaram uma postura autoritária, uma retórica agressiva, a negação de evidências científicas e atitudes hostis em relação a grupos minoritários, como a comunidade LGBTQ+, povos indígenas e movimentos sociais. Carregado de simbologia baseada em uma cultura da extrema direita, Bolsonaro utilizou em suas lives e campanha eleitoral bordões enraizados no movimento integralista, movimento este criado por Plínio Salgado inspirado pelo fascismo de

Mussolini, na Itália. “Deus, Pátria e Família”, exemplo de frase utilizada e reproduzida por estes reacionários brasileiros.

Após o término da Segunda Guerra Mundial e dos regimes totalitários, emergiram grupos neofascistas e neonazistas, buscando reavivar os valores desses governos autoritários. Contudo, a hostilidade, outrora direcionada principalmente aos judeus, ampliou-se para abranger pessoas negras, pobres, membros da comunidade LGBT, indígenas, imigrantes, refugiados, mulheres, entre outras minorias, sob a justificativa de preservar a identidade, território e valores. O nacionalismo, nesse contexto, figura como um dos elementos destacados.

Nacionalismo, segundo o dicionário Oxford Languages, refere-se à preferência pelo que é intrínseco à nação à qual se pertence, envolvendo a exaltação de suas características e valores tradicionais. Essa ideologia subordina todas as questões de política interna e externa ao desenvolvimento e à busca pela hegemonia da nação. No âmbito político, observa-se a associação do nacionalismo ao patriotismo, manifestado como o sentimento de amor à pátria e aos símbolos nacionais, independentemente da consideração individual para com os habitantes do país. Nesse contexto, a prosperidade da nação requer a presença de um Estado robusto e incontestável.

Durante sua campanha eleitoral em 2018, Jair Bolsonaro lançou diversos slogans que se disseminaram nas redes sociais, incluindo a frase emblemática 'Brasil acima de tudo, Deus acima de todos'. Este slogan, permeado por nacionalismo e religiosidade, reflete as convicções do candidato, cujas ações governamentais, contudo, têm revelado contradições em relação a esse discurso. No pleito de 2018, Bolsonaro concorreu pelo Partido Social Liberal (PSL), destacando-se por uma abordagem nostálgica que evocava um Brasil recente caracterizado por estabilidade, segurança e ausência de influências comunistas. Sua retórica enfatizava a soberania nacional, valor moral ancorados em uma específica classe e religião, além da imagem de um futuro líder alheio às práticas políticas tradicionais. Após vencer as eleições, durante o segundo ano de seu mandato, seu então chefe de cultura, Roberto Alvim, proferiu um discurso claramente inspirado nas palavras de Joseph Goebbels.

A política ambiental do governo também enfrentou críticas substanciais, especialmente devido ao aumento do desmatamento na região amazônica, gerando ameaças à biodiversidade da região e às comunidades locais. Além disso, a

resposta negacionista do governo durante a pandemia da Covid-19 resultou na perda de vidas de centenas de milhares de brasileiros.

Com um histórico questionável como deputado, Bolsonaro envolvendo-se em esquemas de rachadinhas e funcionários fantasmas, empregou uma estratégia de construção de imagem, valendo-se de polêmicas em meios de comunicação e participando de entrevistas em programas populares que resultou na consolidação sua base de apoiadores, denominada de bolsonaristas. Esses indivíduos se sentiram representados pelo pensamento político radical de Bolsonaro a tal ponto que se manifestaram em seu apoio, realizaram atos de vandalismo e até mesmo se envolveram em uma tentativa de golpe de Estado.

A campanha eleitoral de 2022, na qual Luiz Inácio Lula da Silva participou de sua quinta disputa presidencial e da segunda tentativa de reeleição, concorrendo contra a primeira reeleição do presidente Bolsonaro, foi caracterizada, desde o início até o final, por um clima exacerbado de polarização. Este fenômeno, de fato, teve origens na época da disputa entre PT e PSDB. No segundo turno, com uma diferença de 2 milhões de votos, Lula ganha as eleições com 50,90% dos votos. Assumindo pela terceira vez o manto de presidente da república. O resultado das eleições não agradou a base bolsonarista, resultando em uma série de protestos em estradas e praças públicas pedindo intervenção federal. Nos acampamentos, fomentados por grupos de Whatsapp e Telegram, bolsonaristas reproduziam e compartilhavam notícias falsas.

Conforme a data de posse se aproximava, um aumento notável na intensidade do discurso e nas atividades do movimento bolsonarista se tornava evidente. Os protestos conduzidos nos acampamentos, inicialmente concebidos como formas de expressão política, não lograram atingir os resultados almejados, como a recontagem das urnas, a reeleição de Bolsonaro, o fechamento do STF, entre outras demandas que são consideradas inconstitucionais.

Em resposta a esse cenário, verificou-se uma intensificação nas estratégias adotadas, resultando em um aumento da violência e na propagação de desinformação. Em dezembro de 2022, dois indivíduos alinhados ao movimento bolsonarista tentaram detonar um artefato explosivo nas proximidades do aeroporto de Brasília. O explosivo foi colocado sob um caminhão com o intuito de causar alarme na população e demonstrar que o movimento bolsonarista estava disposto a empreender ações radicais em prol de seus interesses.

Em 8 de janeiro de 2023, durante a tarde, contingentes de apoiadores de Bolsonaro, acompanhados por simpatizantes que haviam ocupado acampamentos por semanas, imbuídos de discursos extremistas e informações falsas, promoveram uma mobilização em direção à emblemática Esplanada dos Ministérios, alegando buscar justiça e a salvação da nação. A notável capacidade desse movimento para se deslocar e invadir essas áreas do poder político foi, em parte, favorecida pela aparente inação das forças militares. O desenrolar dos eventos resultou na invasão, seguida por um rastro de destruição evidenciado nos edifícios do Congresso Nacional, Palácio do Planalto e Supremo Tribunal Federal (STF). Esse incidente ressaltou a vulnerabilidade das instituições democráticas e sublinhou a importância de preservar a integridade desses espaços simbólicos, os quais representam os pilares do poder e da democracia no país.

As ações destrutivas promovidas pelos seguidores de Bolsonaro foram objeto de comparações com o incidente ocorrido em 6 de janeiro de 2021 nos Estados Unidos, quando os apoiadores do ex-presidente Donald Trump invadiram o Capitólio como resposta ao resultado das eleições presidenciais. Após a derrota nas eleições de 2020, as redes sociais frequentadas por apoiadores de Trump tornaram-se veículos para a disseminação de informações falsas e teorias conspiratórias, alegando que as eleições haviam sido fraudulentas.

Diante da percepção de que não se materializaria uma nova tentativa de conquistar o poder e que Bolsonaro não tomaria medidas decisivas, a base de apoio bolsonarista iniciou um processo de desengajamento. Esse processo se refletiu na alteração das imagens de perfil em plataformas de redes sociais, na deserção de grupos de afinidade e no esforço para se desvincular do movimento. Alguns apoiadores, frente ao agravamento da situação, passaram a abandonar o barco que já estava afundado.

Embora tenha se tornado o primeiro presidente da República no Brasil a não conquistar um segundo mandato, Jair Bolsonaro permanecerá na história do país como um alerta, indicando que o neofascismo brasileiro persiste e não pode ser ignorado. A contínua existência desse fenômeno exige um aprofundamento do debate, uma compreensão aprofundada e a identificação de suas raízes, a fim de evitar possíveis tragédias no futuro.



## REFERÊNCIAS

- ALVES, Igor; SOUSA, Rafael; DIAS, Luiz. Relações Políticas comprometedoras: Bolsonaro e o encontro com a deputada alemã de extrema direita em julho de 2021. **Revista Querubim**. Rio de Janeiro, v.5, n 48, 66-71. Out. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/querubim/issue/view/2731/825>. Acesso em: 09/10/2023.
- Após ordem do ministro Alexandre de Moraes, acampamentos bolsonaristas são desmontados em todo o Brasil**. BBC NEWS BRASIL, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64212926>. Acesso em: 01/11/2023.
- Após resultado de eleição, manifestantes realizam protestos em rodovias do RS, diz polícia**. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/eleicoes/2022/noticia/2022/10/30/eleicoes-manifestacoes-rodovias-rs.ghtml>. Acesso em: 13/10/2023.
- Ataque ao Capitólio foi “tentativa de golpe” de Trump, denuncia relatório**. Carta Capital, 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/ataque-ao-capitolio-foi-tentativa-de-golpe-de-trump-denuncia-relatorio/>. Acesso em: 01/11/2023.
- BLUME, Bruno. **Como os debates eleitorais funcionam?**. Politize, 2016. Disponível em: <https://www.politize.com.br/tudo-sobre-debates-eleitorais/>. Acesso em: 09/10/2023.
- Bolsonaristas protestam contra o resultado das eleições em Uberaba**. **Correio Braziliense**, 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/11/5048923-bolsonaristas-protestam-contra-o-resultado-das-eleicoes-em-uberaba.html>. Acesso em: 13/10/2023.
- Bolsonaro desafia STF e siglas citam impeachment**. O Estado de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20210908-46712-nac-4-pol-a4-not/busca/Bolsonaro+STF>. Acesso em: 09/10/2023.
- Bolsonaro é esfaqueado durante ato de campanha**. O Estado de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20180907-45615-nac-4-pol-a4-not>. Acesso em: 09/10/2023.
- Bolsonaro encerra grupos responsáveis por identificar ossadas de vítimas da ditadura**. Brasil de Fato, 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/22/bolsonaro-encerra-grupos-responsaveis-por-identificar-ossadas-de-vitimas-da-ditadura>. Acesso em: 26/10/2023.

CANTANHÊDE, Eliane. **É rolo**. O Estado de São Paulo, 2021. Seção Política.

Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20210627-46639-nac-5-pol-a5-not/busca/Motociatas>. Acesso em: 09/10/2023.

CARONE, Carlos; PINHEIRO, Mirelle. **Acampados, “patriotas” tuitam para Bolsonaro: “Perdi meu emprego e mulher”**. Metropoles, 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/na-mira/acampados-patriotas-tuitam-para-bolsonaro-perdi-emprego-e-mulher>. Acesso em: 01/11/2023.

CARVALHO, Luiz. **O cadete: a vida de Jair Bolsonaro no quartel**. 3.ed. São Paulo: Todavia, 2021.

CASTRO, Carol. **Exército fez ‘casinha’ para terroristas se protegerem, mostram depoimentos de presos em flagrante**. Intercept\_Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2023/01/19/exercito-fez-casinha-para-terroristas-se-protegerem-em-brasilia/>. Acesso em: 16/10/2023.

**Cerca de 1.200 bolsonaristas presos em Brasília**. UOL notícias, 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2023/01/09/cerca-de-1200-bolsonaristas-presos-em-brasilia.htm>. Acesso em: 01/11/2023.

COELHO, Patricia; PINTO, Maria; NUNEZ, Silvio. Contexto histórico do marketing político no Brasil: das manifestações de 2013 até a campanha presidencial de 2022. **Revista IROCAMM**. Espanha, v.6, n 1, 104-116. Jan. 2023. Disponível em: [https://institucional.us.es/revistas/IROCAMM/6\\_1\\_2023/IROCAMM\\_V6-N1\\_2023\\_07.pdf](https://institucional.us.es/revistas/IROCAMM/6_1_2023/IROCAMM_V6-N1_2023_07.pdf). Acesso em: 09/10/2023.

DEMORI, Leandro. **Pesquisadora encontra carta de Bolsonaro publicada em sites neonazistas em 2004**. Intercept Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2021/07/28/carta-bolsonaro-neonazismo/#:~:text=Tr%C3%AAs%20sites%20diferentes%20de%20neonazistas,%20desejar%20lh%C3%AAs%20felicidades%20por>. Acesso em: 15/06/2023.

DIEGUEZ, Consuelo. **O ovo da serpente: nova direita e bolsonarismo seus bastidores, personagens e a chegada ao poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FERNANDES, Leonardo. **Por que Lula está preso?**. Brasil de Fato, 2019.

Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/05/por-que-lula-esta-presos/>. Acesso em: 27/10/23.

FERNANDES, Nayara. **Bolsonaro perdoaria dívidas de doadores: veja fake news que circularam no acampamento em Brasília**. G1, 2023. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/12/golpistas-acreditavam-que-lula-havia-sido-substituido-e-bolsonaro-perdoaria-dividas-de-doadores-veja-fake-news-que-circularam-no-acampamento-em-brasilia.ghtml>. Acesso em: 15/10/2023.

GABEIRA, Fernando. **Nacionalismo como álibi na Amazônia**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 27, Maio de 2022. Disponível em:

<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20220527-46973-nac-10-opi-a10-not>.

Acesso em: 30/06/2023.

GALZO, Wesleyy. **Policiais do DF abandonam barreira e compram água de coco enquanto manifestantes invadem STF**. Estadão, 2023. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/politica/policiais-do-df-abandonam-barreira-e-compram-agua-de-coco-enquanto-manifestantes-invadem-stf/>. Acesso em: 01/11/2023.

GARCIA, Taciana. **O nacionalismo de Bolsonaro é Made in USA**. Esquerda

Diário, 2018. Disponível em: [https://www.esquerdadiario.com.br/O-nacionalismo-de-Bolsonaro-e-Made-in-](https://www.esquerdadiario.com.br/O-nacionalismo-de-Bolsonaro-e-Made-in-USA?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter)

[USA?utm\\_source=newsletter&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=Newsletter](https://www.esquerdadiario.com.br/O-nacionalismo-de-Bolsonaro-e-Made-in-USA?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter).

Acesso em: 30/06/2023.

GASS, Elvio Bohn. **O falso patriota**. Focus Brasil, 2021. Disponível em:

<https://fpabramo.org.br/focusbrasil/2021/09/12/o-falso-patriota/>. Acesso em:

18/07/23.

GONÇALVES, Leandro; NETO, Odilon. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

GREGORIO, Rafael. **Eleição de 2018 será lembrada pelos casos de violência, dizem analistas**. Folha de São Paulo, 2018. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/eleicao-de-2018-sera-lembrada-pelos-casos-de-violencia-dizem-analistas.shtml>. Acesso em: 09/10/2023.

**Grupo de bolsonaristas faz círculo com luzes em Porto Alegre e pede para que**

**'general' olhe por eles**. G1, 2022. Disponível em: [https://g1.globo.com/rs/rio-](https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2022/11/21/grupo-de-bolsonaristas-faz-circulo-com-luzes-em-porto-alegre-e-pede-para-que-general-olhe-por-eles.ghtml)

[grande-do-sul/noticia/2022/11/21/grupo-de-bolsonaristas-faz-circulo-com-luzes-em-porto-alegre-e-pede-para-que-general-olhe-por-eles.ghtml](https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2022/11/21/grupo-de-bolsonaristas-faz-circulo-com-luzes-em-porto-alegre-e-pede-para-que-general-olhe-por-eles.ghtml). Acesso em: 15/10/2023.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX 1914 – 1991**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

**Homem preso por tentar explodir caminhão em Brasília queria 'causar o caos', diz polícia**. O Globo, 2022. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2022/12/homem-presos-por-tentar-explodir-caminhao-em-brasilia-queria-causar-o-caos-diz-policia.ghtml>. Acesso em: 01/11/23.

**Igrejas evangélicas apresentaram crescimento vertiginoso no Brasil nas últimas décadas.** Jornal da USP, 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/igrejas-evangelicas-apresentaram-crescimento-vertiginoso-no-brasil-nas-ultimas-decadas/>. Acesso em: 30/07/2023.

**Inquérito das Fake News: o que dizem os alvos da operação da PF e os deputados intimados pelo STF a depor.** G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/27/inquerito-das-fake-news-o-que-dizem-os-alvos-da-operacao-da-pf-e-os-deputados-intimados-pelo-stf-a-depor.ghtml>. Acesso em: 01/11/2023.

KADANUS, Kelli. **Bolsonaro fora de debates? O que está por trás dessa estratégia.** Gazeta do Povo, 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/bolsonaro-fora-de-debates-o-que-esta-por-tras-dessa-estrategia-aopaa487iykrqzl1yrf8knkk9/>. Acesso em: 09/10/2023.

LEMOS, Mariana; MACIEL, Camila. **Dilma Rousseff: "Tortura é dor e morte. Eles querem que você perca a dignidade"**. Brasil de Fato, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/15/dilma-rousseff-tortura-e-dor-e-morte-eles-querem-que-voce-perca-a-dignidade>. Acesso em: 05/10/2023.

LIBANIO, João Batista. **O cristianismo e a cultura ocidental.** O Tempo, 2013. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniao/joao-batista-libanio/o-cristianismo-e-a-cultura-ocidental-1.697>. Acesso em: 10/07/2023.

LIMA, Kevin; RODRIGUES, Paloma; CASSELA, Vinícius. **CPI dos Atos Golpistas aprova relatório final, e pede indiciamento de Bolsonaro e mais 60.** G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/10/18/cpi-dos-atos-golpistas-aprova-relatorio-final-e-pede-indiciamento-de-bolsonaro-e-mais-60.ghtml>. Acesso em: 01/11/2023.

MADUEÑO, Denise; FORMENTI, Ligia. **Câmara tem dia de bate-boca e choradeira.** O Estado de São Paulo, 2003. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20031112-40202-spo-39-cid-c5-not>. Acesso em: 06/10/2023.

MALCHER, Ândrea. **Bolsonaristas presos em acampamento são levados à Academia Nacional da PF.** Correio Braziliense, 2023. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2023/01/5064819-bolsonaristas-presos-em-acampamento-serao-levados-a-academia-nacional-da-pf.html>. Acesso em: 01/11/2023.

MANN, Michael. **Fascistas**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MANSO, Bruno. **A República das milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro**. São Paulo: Todavia, 2020.

MENDOZA, Jorge. **A história por trás dos símbolos antifascistas**. PSTU, 2020. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/a-historia-por-tras-dos-simbolos-antifascistas/>. Acesso em: 30/06/2023.

MINAS, Estado. **Banho de sol e 4 refeições; como os bolsonaristas presos passam o dia no DF**. Correio Braziliense, 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2023/01/5070222-banho-de-sol-e-4-refeicoes-come-os-bolsonaristas-presos-passam-o-dia-no-df.html>. Acesso em: 01/11/2023.

MONTEIRO, Tânia. **Bolsonaro estimula celebração de 64. O Estado de São Paulo, 2019**. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20190325-45814-nac-8-pol-a8-not>. Acesso em: 05/10/2023.

MOREIRA, Gilvander. **Fascismo, religião e eleições: história e atualidade**. Brasil de Fato, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2022/09/30/artigo-fascismo-religiao-e-eleicoes-historia-e-atualidade>. Acesso em: 10/07/2023.

MOREIRA, João. **"Com Bolsonaro, o Brasil está a "nazificar-se"**. Diário Notícias, 2021. Disponível em: <https://www.dn.pt/internacional/com-bolsonaro-o-brasil-esta-a-nazificar-se-14031019.html>. Acesso em: 30/06/2023.

MORI, Letícia. **Eleições 2018: 'Meu irmão ameaçou me proibir de ver minhas sobrinhas' - o pleito que dividiu famílias**. BBC News Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45987863>. Acesso em: 07/10/2023.

MUNIZ, Marize. **Nordestinos são atacados nas redes por causa dos 12,9 milhões de votos em Lula**. CUT, 2022. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/nordestinos-sao-atacados-nas-redes-por-causa-dos-12-9-milhoes-de-votos-em-lula-4248>. Acesso em: 13/10/2023.

Museu do Holocausto afirma ser desonesto comparar ginásio onde golpistas foram detidos com campos de concentração nazistas. G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2023/01/12/museu-do-holocausto-afirma-ser->

[desonesto-comparar-ginasio-onde-golpistas-foram-detidos-com-campos-de-concentracao-nazistas.ghtml](#). Acesso em: 01/11/2023.

NETTO, Fábio Prudente. **O bolsonarismo e a Jurisdição Constitucional: por que tanto ódio?**. Diplomatique, 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-bolsonarismo-e-a-jurisdicao-constitucional-por-que-tanto-odio/>. Acesso em: 01/11/2023.

NOGUEIRA, Bruno. **Governo Bolsonaro tinha mapa com locais para impedir votação em Lula**. Estado de Minas, 2023. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/04/02/interna\\_politica,1476607/governo-bolsonaro-tinha-mapa-com-locais-para-impedir-votacao-em-lula.shtml#google\\_vignette](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/04/02/interna_politica,1476607/governo-bolsonaro-tinha-mapa-com-locais-para-impedir-votacao-em-lula.shtml#google_vignette). Acesso em: 01/11/2023.

NOVA, Daniel Vila. **Quem está na frente? Lula ou Bolsonaro? Veja pesquisas para presidente do fim do segundo turno**. O Estado de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/quem-esta-na-frente-lula-ou-bolsonaro-pesquisa-para-presidente-segundo-turno-datafolha-ipec-poderdata-quaest-ideia-ipespe-md/>. Acesso em: 13/10/2023.

**O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro**. Instituto Humanitas Unisinos, 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/584304-o-voto-evangelico-garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro>. Acesso em: 30/07/2023.

OLIVEIRA, Caroline. **Extremistas devem ser barrados nos veículos de comunicação?**. Brasil de Fato, 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/04/23/extremistas-devem-ser-barrados-nos-veiculos-de-comunicacao>. Acesso em: 05/10/2023.

OLIVEIRA, Joana. **Bolsonaro é “líder e porta-voz” das ‘fake news’ no país, diz relatório final da CPI da Pandemia**. El País, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-20/bolsonaro-e-lider-e-porta-voz-das-fake-news-no-pais-diz-relatorio-final-da-cpi-da-pandemia.html>. Acesso em: 09/10/2023.

OLIVEIRA, Regiane. **STF anula condenações da Lava Jato contra Lula e deixa seu caminho livre para 2022**. El País, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-04-15/stf-anula-condenacoes-da-lava-jato-contralula-e-deixa-seu-caminho-livre-para-2022.html>. Acesso em: 01/11/2023.

PINHO, Ana. Liberdade de imprensa e o cercadinho do Alvorada: a propaganda política no lugar dos fatos e seus malefícios para a democracia. **Revista Miguel**. Rio



de Janeiro, n 6, 3-22. Jan/jun. 2022. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/59441/59441.PDF>. Acesso em: 09/10/2023.

PIRES, Breno; MOURA, Rafael Moraes; CAMPOREZ, Patrik. **Alvorada é local de apoiadores, diz youtuber bolsonarista que faturou R\$1,76 milhão**. Estadão, 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/alvorada-e-local-de-apoiadores-diz-youtuber-bolsonarista-que-faturou-r-1-76-milhao/>. Acesso em: 04/10/23.

PIVA, Juliana. **O negócio de Jair: a história proibida do clã Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RACY, Sonia. **Voz internética**. Estadão, 2011. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20110331-42898-spo-87-cd2-d2-not/busca/Bolsonaro+CQC>. Acesso em: 05/10/23.

RESENDE, Thiago; FERNANDES, Talita; GIELOW, Igor. **Bolsonaro usa helicóptero e anda a cavalo para prestigiar ato na Esplanada contra STF e Congresso**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/bolsonaro-usa-helicoptero-para-sobrevoar-manifestacao-na-esplanada-contra-stf-e-congresso.shtml>. Acesso em: 01/11/2023.

SADI, Andréia; MARTINS, Marco Antônio. **Anderson Torres foi à Bahia pessoalmente pedir apoio da PF à PRF visando interferir no fluxo de eleitores**. G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2023/04/03/anderson-torres-foi-a-bahia-pessoalmente-pedir-apoio-da-pf-a-prf-visando-interferir-no-fluxo-de-eleitores.ghtml>. Acesso em: 01/11/2023.

SANTOS, Ale. **Twitter**: @Savagefiction. [internet]. Disponível em: <https://twitter.com/Savagefiction/status/1268959926409408513?s=20>. Acesso em: 30/06/2023.

SANTOS, Natália. **Bolsonaro é alvo de ação de vereadoras por frases homofóbicas sobre varíola dos macacos no Flow**. Estadão, 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-frases-homofobicas-variola-macacos-flow-podcast/>. Acesso em: 24/07/2023.

SENADO, Agência. **Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil**. Senado Notícias, 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>. Acesso em: 07/10/2023.

SENADO, Agência. **Senadores comentam fala de Luiz Fux; ministro pede que governo se dedique a problemas 'reais'**. Senado Notícias, 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/09/08/em-pronunciamento-fux-que-pede-que-governo-se-dedique-a-problemas-reais>. Acesso em: 09/10/2023.

SHALDERS, André; POMPEU, Lauriberto; WESLEY, Galzo. **Bolsonaro limita remoção de conteúdos em redes sociais**. O Estado de São Paulo, 2021. Seção Política. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20210907-46711-nac-4-pol-a4-not>. Acesso em: 09/10/2023.

SOARES, Ingrid. **Bolsonaro exhibe medalha 3 Is: 'Incomível, imorrível e imbrochável'**. Estado de Minas, 2021. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/08/31/interna\\_politica,1301003/bolsonaro-exibe-medalha-3-is-incomivel-imorrivel-e-imbrochavel.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/08/31/interna_politica,1301003/bolsonaro-exibe-medalha-3-is-incomivel-imorrivel-e-imbrochavel.shtml). Acesso em: 30/07/2023.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”**. 7.ed. Porto Alegre: L&PM, 2022.

STYCER, Mauricio. **Qual foi o papel de CQC, Superpop e Pânico na popularização de Bolsonaro**. Uol, 2018. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/blog/mauriciostycer/2018/10/29/qual-foi-o-papel-de-cqc-superpop-e-panico-na-popularizacao-de-bolsonaro/>. Acesso em: 05/10/2023.

TEIXEIRA, Lucas Borges. **O que é 300 do Brasil, grupo de extrema direita liderado por Sara Winter**. Uol, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/06/15/o-que-e-300-do-brasil-grupo-de-extrema-direita-liderado-por-sara-winter.htm>. Acesso em: 01/11/2023.

TEODORO, Plínio. **Bolsonaro passa por vexame em clube de tiro ao não destravar a arma para atirar**. Forum, 2022. Seção Política. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/governo-bolsonaro/2022/2/7/bolsonaro-passa-por-vexame-em-clube-de-tiro-ao-no-destravar-arma-para-atirar-veja-video-109758.html>. Acesso em: 08/08/2023.

THOMÉ, Clarrisa. **Bolsonaro é condenado por discurso homofóbico**. O Estado de São Paulo, 2015. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20150415-44374-nac-7-pol-a7-not/busca/Bolsonaro+CQC>. Acesso em: 05/10/2023.



TIBURI, Marcia. **Como conversar com um fascista: reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro**. 13.ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

TIBURI, Marcia. **Como derrotar o turbotecnomachonazifascismo ou seja lá o nome que se queira dar ao mal que devemos superar**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

TIBURI, Marcia. **Complexo de vira-lata: análise da humilhação brasileira**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

TOMAZELLI, Idiana; MOURA, Rafael Moraes. Grupo bolsonarista faz protesto em frente ao STF com tochas e máscaras. Estadão, 2020. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/politica/grupo-bolsonarista-faz-protesto-em-frente-ao-stf-com-tochas-e-mascaras/>. Acesso em: 01/11/2023.

TV CULTURA, jornalismo. **Acampamentos bolsonaristas são desmontados em todo o país após determinação de Alexandre de Moraes**. Youtube, 10 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pgb9g8ORfBU>. Acesso em: 01/11/2023.

**Um mês depois das eleições, manifestantes bolsonaristas ainda resistem acampados próximos a quartéis-generais**. Brasil 61, 2022. Disponível em: <https://brasil61.com/n/um-mes-depois-das-eleicoes-manifestantes-de-direita-ainda-resistem-acampados-proximos-a-quarteis-generais-bras227523>. Acesso em: 15/10/2023.

VEIGA, Edilson. **Livro popularizado pela fake news de Bolsonaro sobre "kit gay" faz 20 anos**. Brasil de Fato, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/28/livro-popularizado-pela-fake-news-de-bolsonaro-sobre-kit-gay-faz-20-anos>. Acesso em: 30/07/2023.

VENCESLAU, Pedro. **Cartaz contra desaparecidos irrita deputados**. O Estado de São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/cartaz-contra-desaparecidos-irrita-deputados/>. Acesso em: 23/10/2023.

**Vídeo mostra momento da tentativa de explosão no aeroporto de Brasília**. Correio Braziliense, 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2023/01/5066495-video-mostra-momento-da-tentativa-de-explosao-no-aeroporto-de-brasilia.html>. Acesso em: 01/11/2023.

WETERMAN, Daniel; SAMPAIO, Dida. **Depois de ter acampamento desmontado, 300 do Brasil invade cúpula do Congresso**. Estadão, 2020. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/politica/depois-de-ter-acampamento-desmontado-300-do-brasil-invade-cupula-do-congresso/>. Acesso em: 01/11/2023.

XAVIER, Getulio. **Trump diz que Bolsonaro é sua “versão tropical” e anuncia apoio ao ex-capitão**. Carta Capital, 2022. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/trump-diz-que-bolsonaro-e-sua-versao-tropical-e-anuncia-apoio-ao-ex-capitao/>. Acesso em: 01/11/2023.

**Youtuber afirma ter faturado R\$1,76 mi**. O Estado de São Paulo, 2020. Seção Política, página 6. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20201207-46437-nac-6-pol-a6-not/busca/Foco+Brasil>. Acesso em: 30/07/2023.